

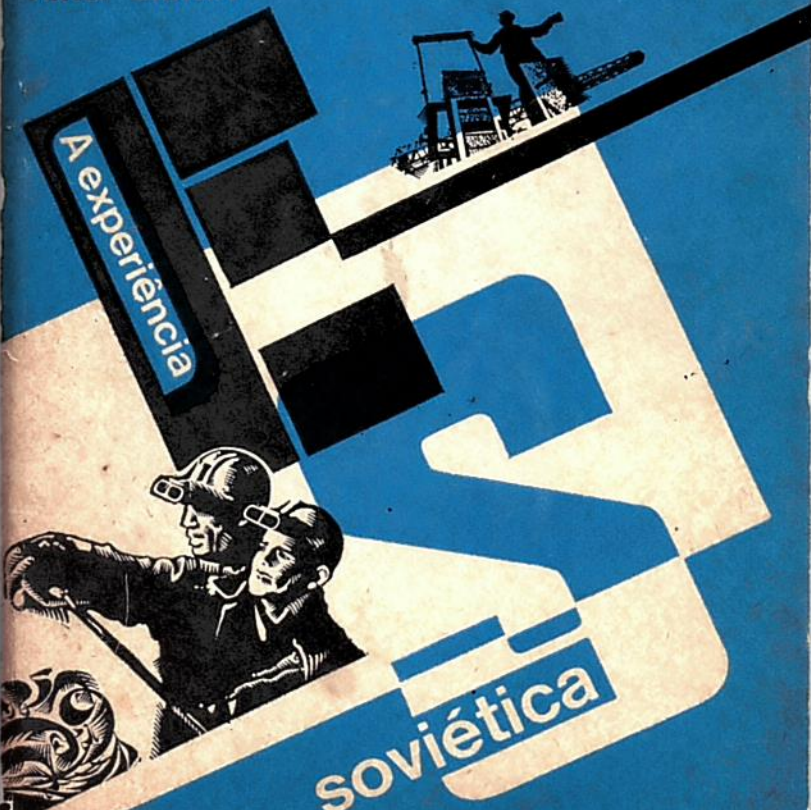
URSS:

como se pôs termo
ao desemprego

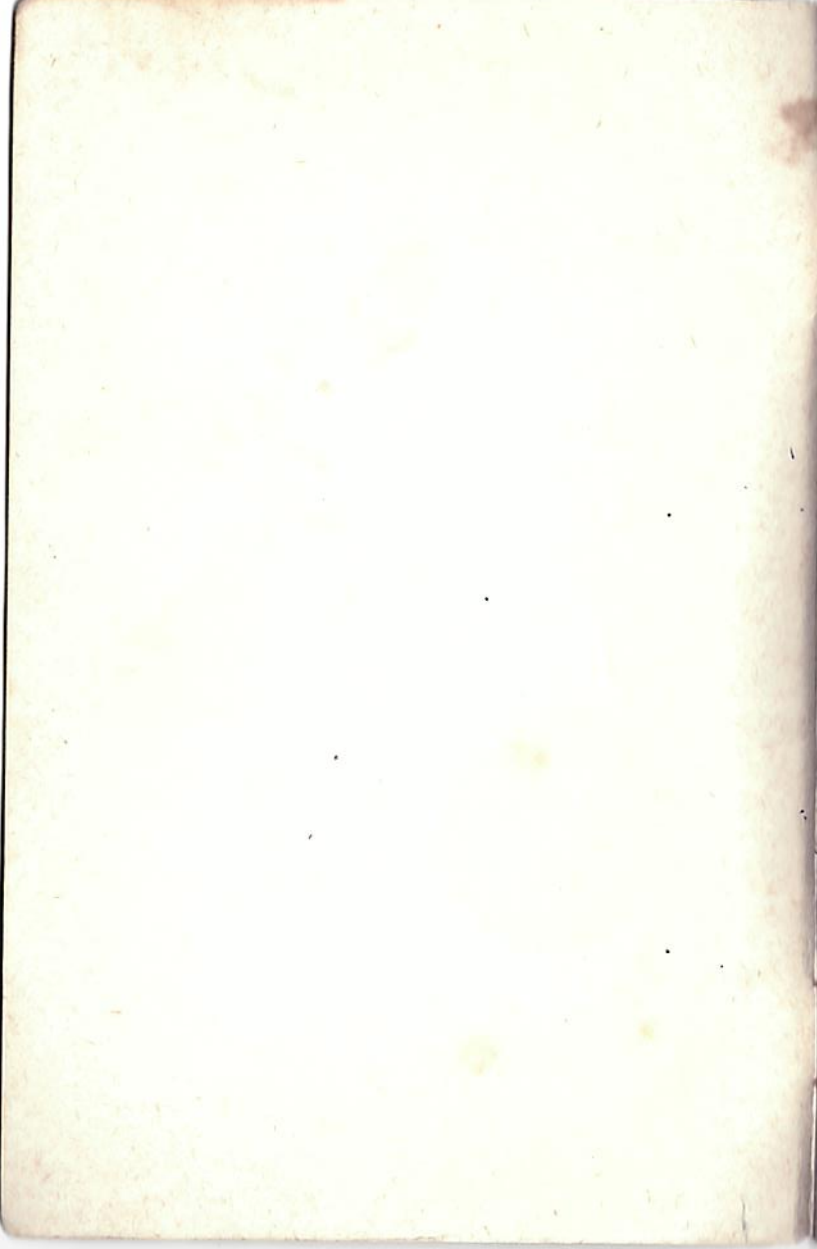
Viktor DIÛNIN

A experiência

soviética



Edições da Agência de Imprensa Nóvosti



Viktor DIÚNIN

URSS:
como se pôs termo
ao desemprego

Vosnei da Silva
MAR. 2013



Edições da Agência
de Imprensa Nóvosti
Moscovo — 1980

Виктор Михайлович Дюнин

КАК БЫЛА РЕШЕНА В СССР
ПРОБЛЕМА ЗАНЯТОСТИ НАСЕЛЕНИЯ

на португальском языке

Цена 20 коп.

11301

0802010203

© Edições da Agência de Imprensa
Nóvosti, 1980

1. Direito ao trabalho – possibilidade ou realidade?

A possibilidade de ter trabalho, de multiplicar os valores materiais e espirituais, de melhorar a sua própria vida e a vida dos familiares e de toda a sociedade é um direito natural de cada pessoa adulta. Mas, milhões de pessoas em todo o mundo encontram-se privadas deste direito. Nos países capitalistas, o número de desempregados atinge, anualmente, quase os 18 milhões. Estas pessoas têm uma especialidade, uma qualificação e querem arranjar emprego. Não o conseguem, porém. Em 1977, segundo dados da imprensa, nos EUA não tinham trabalho 8 milhões de pessoas; na Inglaterra – 1 milhão e 600 mil; no Japão – 1 milhão e 243 mil; na Itália – 1 milhão e 200 mil; na França – 1 milhão e 45 mil; na RFA – 985 mil. Além das pessoas totalmente desempregadas, milhões de outras vêm-se obrigadas a fazer apenas a semana de trabalho incompleta, pois apenas parcialmente estão ocupadas. Com elas, o exército laboral de reserva atinge, nos países desenvolvidos do Ocidente, 30 milhões de pessoas e nos países do «terceiro mundo» – 300 milhões.

O desemprego paira sobre os trabalhadores como a espada de Dâmocles. Poderá haver mal maior e mais doloroso do que ser-se despedido por

um empresário, indo engrossar o exército de desempregados e parar à «bicha» do mercado de trabalho?

Deve dizer-se que, nos países capitalistas, as pessoas mesmo quando têm trabalho, sentem constantemente a instabilidade da sua situação e por isso temem o futuro. Porque sabem que, de um momento para o outro, podem ir parar às fileiras das «pessoas desnecessárias», isto é, podem passar a fazer parte do exército laboral de reserva. Milhões de trabalhadores têm mais medo do desemprego do que das más colheitas, das inundações, das epidemias e de outros cataclismos.

No entanto, no mundo do capital há quem considere que este estado de coisas é imutável, eterno e até mesmo útil do ponto de vista do desenvolvimento económico. Tais indivíduos explicam o aparecimento e a existência do desemprego apenas pelo facto de nos seus países se verificar um grande surto demográfico, de a população crescer constantemente e aparecer, portanto, um «excesso de população». Por isso — afirmam — não é possível garantir trabalho a todos. . .

«Economistas» há também que não se opõem à elevação do desemprego à qualidade de categoria eterna do progresso. Consideram-no mesmo como uma condição necessária ao bom funcionamento da economia capitalista: as «bichas» nas bolsas de trabalho, no seu entender, estimulam a energia, a emulação e a disciplina dos que labutam. . . Além disso, quando aumenta a procura deste ou daquele artigo, sempre se pode recorrer ao exército laboral de reserva para pôr em funcionamento o potencial suplementar. . .

Todavia, as «bichas» nas bolsas de trabalho nunca contribuíram para melhorar a conjuntura da produção. Pelo contrário — o desemprego é, na

prática, expressão de infortúnio pessoal, de depressão da produção e de decadência social para milhões de pessoas.

É inteiramente destituída de fundamento a «conclusão», formulada por numerosas escolas da ciência burguesa, de que sempre houve, há e haverá desemprego. O desemprego pode ser eliminado. Qualquer pessoa sem ideais preconcebidas se pode convencer deste facto não só através de provas teóricas, como, em particular, pela própria história.

Há já cinquenta anos que na URSS – primeiro país socialista do mundo – não existe desemprego. O trabalho na União Soviética não é apenas uma obrigação, como também um dever moral de cada cidadão. Toda a pessoa apta para o trabalho tem a obrigação de participar na criação dos meios indispensáveis à vida e à actividade do homem, ao bem-estar da sociedade. Na URSS, o direito ao trabalho é uma realidade garantida pela lei.

A Constituição Soviética de 1936 garantiu a cada cidadão do País o direito ao trabalho, isto é, o direito de obter trabalho garantido e remuneração de acordo com a sua quantidade e qualidade. A nova Constituição Soviética, aprovada, após ter sido debatida por todo o povo, em Outubro de 1977, aprofundou e ampliou este direito, incluindo nele o direito de escolher a profissão e o género de ocupação de acordo com a sua vocação, as suas aptidões, preparação profissional e grau de instrução, em conformidade com as necessidades da sociedade.

No Artigo 40º da nova Constituição da URSS frisa-se que o direito dos cidadãos ao trabalho «é assegurado pelo sistema económico socialista, o crescimento constante das forças produtivas da sociedade, a preparação profissional gratuita, a

elevação da qualificação e a assimilação de novas especialidades, o desenvolvimento dos sistemas de orientação e colocação profissionais».

No socialismo, o direito ao trabalho, além de proclamado, é garantido de facto.

A economia socialista não só se desenvolve dinamicamente, como é estável e desconhece crises. No socialismo não há, portanto, pessoas «desnecessárias».

Tudo isto confere aos Soviéticos firme certeza no dia de amanhã. Esta certeza é absoluta e as garantias sociais de colocação são totais. Nas páginas que se seguem relatar-vos-emos, nos seus traços gerais essenciais, o modo como os Soviéticos conseguiram tal progresso social e económico.

2. O desemprego – herança do czarismo, da guerra e da ruína económica

Na União Soviética ainda é viva a geração que conheceu o desemprego não só pelos livros, mas e sobretudo pela sua própria amarga experiência. Parte dos que nasceram no limiar do nosso século conheceram, com efeito, na própria carne a difícil sorte do desempregado, sabendo por experiência própria o que significam os despedimentos em massa, as «bichas» para receber um mísero subsídio de desemprego e os penosos dias e meses de espera na bolsa de trabalho para receber, por vezes, um emprego qualquer e, muitas mais, a recusa e a miséria. . .

A Rússia czarista pré-revolucionária, a Rússia dos grandes agrários e capitalistas, era um país de desemprego clássico. Ao passageiro floresci-

mento económico seguiam-se a depressão e as crises económicas. Nos períodos de estagnação, as fábricas e empresas reduziam a produção e despediam grande parte dos operários que ficavam assim sem meios de subsistência. . .

Que sorte estava reservada aos desempregados? Eis uma citação de um jornal de Moscovo, no início do século XX: «Os tecelões andavam pela cidade meio loucos em busca de um pedaço de pão. . . Há dias, foi vista na rua uma jovem de uns 27 anos, no máximo. Ao andar, cambaleava como uma ébria, sem quase ter forças para explicar que estava sem comer havia sete dias. No mesmo dia, caiu na rua, perdendo os sentidos, um homem que se soube ser tecelão desempregado. Havia já vários dias que não comia e não tinha sequer um canto onde se abrigar. Na mesma altura, foram encontrados na rua, completamente esgotados pela fome, um rapaz de 12 anos, uma jovem de 21 e um velho de 55».

O desemprego agravava-se periodicamente. Durante a Primeira Guerra Mundial, o desemprego, em vez de se reduzir, continuou a aumentar, devido ao encerramento de centenas de empresas que não forneciam produção para as necessidades militares. Em 1916, devido ao mau abastecimento de matérias-primas e combustíveis (motivado pela desorganização dos transportes), a produção industrial começou a descer bruscamente.

Em Outubro de 1917, o povo trabalhador da Rússia, sob a direcção do Partido Comunista, realizou a revolução socialista. Os trabalhadores tomaram o poder nas suas mãos e proclamaram a República dos Sovietes. A revolução socialista tornou todos os grandes meios e instrumentos de produção património social. Os operários, até aí

subjugados e explorados, passaram a ser trabalhadores livres, donos colectivos das empresas.

A Revolução de Outubro foi um momento de viragem radical na história da libertação do trabalho. Logo nos seus primeiros decretos, o jovem Estado Soviético consagrou o direito ao trabalho, isto é, o direito à obtenção de um trabalho garantido e remunerado de acordo com a sua quantidade e qualidade. A mulher adquiriu os mesmos direitos que o homem.

As pessoas adquiriram a possibilidade de trabalhar para si, para o bem de toda a sociedade e não para os exploradores. Pela primeira vez na História, o trabalho passou a ter um elevado reconhecimento social e tornou-se um direito sagrado, um dever de honra de todos os membros da sociedade. Isto modificou completamente a atitude das massas populares para com o trabalho, transformando-o de obrigação forçada em necessidade livre.

Com a nacionalização das empresas industriais, o Estado Soviético assumiu as funções de controlo e distribuição dos recursos laborais, emprego da população e organização da assistência aos desempregados.

Dias depois da vitória da Revolução Socialista de Outubro, o novo governo decretou a jornada laboral de 8 horas em todas as empresas e a semana de 48 horas. Este decreto eliminou a jornada escravizadora de 10-12 horas (normal na Rússia czarista) e constituiu simultaneamente uma das importantes medidas para a redução do desemprego.

O Estado passou a prestar ajuda material aos desempregados: os subsídios de desemprego alargaram-se a todos os operários assalariados sem excepção, temporariamente sem emprego. Foram

organizados refeitórios públicos (onde as pessoas podiam comer gratuitamente ou mais barato) e abertos lares para os desempregados. Logo no primeiro ano do Poder Soviético, começaram a ser criados centros de emprego, isto é, instituições que se ocupavam do controlo e distribuição da mão-de-obra livre. O Estado Soviético encarou desde logo o desemprego como pesada herança do czarismo destinada a desaparecer.

Quando no País eclodiu a guerra civil (1918-1920), parte dos operários abandonou as cidades e refugiou-se no campo para fugir à fome. Nestas circunstâncias a procura de mão-de-obra aumentou bruscamente. Nos fins de 1918, os centros de emprego já não podiam satisfazer todos os pedidos de quadros especializados, operários e empregados apresentados pelas empresas. Mas isto não significava que o desemprego tivesse desaparecido por completo.

Segundo o recenseamento de 1920, havia no País mais de 48 mil empresas completamente paradas e o número de postos de trabalho reduzira-se a metade. No início de 1921, o desemprego começou a aumentar novamente. Causa — a ruína económica do País, determinada pela participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, pela guerra civil e pela intervenção militar estrangeira (que duraram ao todo quase sete anos). V. I. Lênine, fundador do Estado Soviético, escreveu que “A Rússia saiu da guerra num estado que mais se assemelha ao de uma pessoa espancada quase até à morte; o espancamento durou sete anos, e agora, queira Deus, que possamos andar de muletas”.

Em 1921, a República sofreu um novo abalo em consequência de uma seca sem precedentes. O campo não pôde satisfazer as necessidades mi-

nimas da indústria em matérias-primas. Isto agravou ainda mais a situação económica do jovem Estado Soviético.

Em 1924, o número de desempregados era já de 1 milhão e 300 mil. O desemprego abrangia quase todas as regiões do País, assumindo proporções de grande calamidade social.

Criou-se uma situação paradoxal. Os operários e camponeses tinham tomado o poder nas suas mãos para criarem uma vida mais feliz e deparavam agora com um mal tão grande como o desemprego, a falta de víveres e a fome. Seria que eles ainda não tinham aprendido a dirigir a economia como devia ser?

Para lá das fronteiras da jovem República dos Sovietes, muitos eram os que assim pensavam. Não se cansavam de escrever que os Sovietes nada tinham conseguido resolver e que não podiam liquidar o desemprego. O poder popular tinha, de facto, falta de dirigentes e quadros administrativos experientes. Porém, não era essa a razão decisiva das dificuldades experimentadas. A principal causa era a ruína económica do País após tantos anos de guerra.

Esta era a opinião do Estado Soviético, que tomava, entretanto, todas as providências para reanimar a economia. Reconstruíam-se as fábricas e as empresas, organizava-se o funcionamento dos transportes. No início de 1925, começou a observar-se um aceleração cada vez mais visível dos ritmos de crescimento da produção. Mas o índice de desemprego continuava a subir. Deparou-se com um fenómeno estranho: a activação da vida económica provocava o aumento do número de operários industriais e, ao mesmo tempo, o aumento do nível de desemprego. . . Assim, entre 1922 e 1925, o número de operários in-

dustriais cresceu mais de 50% e, simultaneamente, as «bichas» nos centros de emprego tornaram-se cada vez maiores. . . Porquê?

Em primeiro lugar, devido à enorme afluência da população rural às cidades. O exército de trabalho excedente, na agricultura da Rússia pré-revolucionária, atingia 20 milhões de pessoas. A Revolução de Outubro aboliu o direito à propriedade privada da terra e entregou-a em usufruto aos que a trabalhavam. No total, os camponeses receberam gratuitamente 150 milhões de hectares de terra. Juntamente com os Sovietes de deputados dos camponeses — órgãos locais de poder — a população das aldeias distribuiu entre si a terra nacionalizada e as alfaías agrícolas expropriadas aos latifundiários.

Milhões de camponeses anteriormente sem terra receberam-na e passaram a possuir a sua própria economia rural. Aumentou notavelmente o número das pequenas explorações rurais, cresceu vertiginosamente o consumo nas aldeias (milhões de trabalhadores agrícolas, na realidade, alimentavam-se a si próprios com o que produziam e forneciam muito pouco ao mercado). Como resultado, apesar de ter aumentado muito o número de explorações agrícolas, elas produziam menos cereais para o mercado do que antes da Revolução.

Quando se fala do campo dos anos vinte, deve-se levar em consideração que, regra geral, as famílias camponesas eram muito numerosas. Muitas vezes, para os filhos adultos não havia simplesmente trabalho na pequena exploração e eles não podiam aplicar as suas mãos em qualquer trabalho útil nas aldeias. Em busca de emprego, os camponeses abandonavam as suas pobres explorações e dirigiam-se para as cidades.

Quanto mais visível era o ascenso da economia nacional, quanto maior era o número de fábricas e empresas reconstruídas, tanto mais forte era a atracção das cidades. Em 1923-1924, partiram para as cidades, à procura de emprego, mais de 1 milhão e 500 mil pessoas; no ano seguinte, mais de 3 milhões. Era esta massa de gente, este movimento migratório, a principal causa do desemprego urbano. A situação complicava-se também pelo facto das pessoas procedentes do campo não possuírem, regra geral, qualquer especialidade.

O exército industrial de reserva engrossava também com a nova geração urbana. Era preciso garantir-lhe trabalho; lamentavelmente, naquela época, este não existia em quantidade suficiente sequer para a população adulta.

A análise das causas do desemprego, nos primeiros anos do Poder Soviético, mostra-nos que ele possuía um carácter específico, agrário, sem raízes no novo sistema social. Como liquidar o desemprego e garantir a cada pessoa apta a concretização do seu direito ao trabalho? O jovem Estado Soviético tinha de resolver, pela primeira vez na História, tão difícil e complexo problema. A essa tarefa foi dedicado um importante lugar no plano leninista de construção do socialismo:

- previu-se a transformação do País de predominantemente agrário em predominantemente industrial. O desenvolvimento acelerado da indústria, tendo como base a electrificação, devia garantir a independência económica e a capacidade defensiva do País e incorporar no trabalho todos quantos o desejassem;

- planificou-se a transformação socialista do campo, com base na união voluntária das pequenas explorações agrícolas individuais em grandes

economias colectivas, equipadas com técnica moderna. A colectivização do campo e a intensificação da produção agrícola abriam possibilidades de acentuada redução do exército laboral de reserva e de abastecimento do País com os produtos indispensáveis;

– programou-se uma revolução cultural, para elevar o nível cultural e educacional do povo, desenvolver as suas capacidades criadoras. A massa da população poderia assim passar a adquirir profissões mais complexas e qualificadas, que exigem um determinado nível de instrução.

De acordo com o plano leninista, a industrialização, a colectivização e a revolução cultural conduziriam o País à vitória do socialismo.

3. A industrialização socialista e o pleno emprego

Aproximadamente no início de 1926, a economia nacional da União Soviética já se restabelecera completamente. Mas, como era a indústria naquela altura? As fábricas e as empresas estavam apetrechadas, no fundamental, com técnica antiquada. As indústrias mais desenvolvidas eram a ligeira e a alimentar. As riquezas naturais do País eram muito pouco aproveitadas.

Como realizar a industrialização do País? Que ramos deveriam desenvolver-se em primeiro lugar – a indústria pesada ou a ligeira? A que dar preferência – ao desenvolvimento dos meios de produção ou à produção de artigos de consumo? A União Soviética escolheu a via de desenvolvimento prioritário da indústria pesada e, particularmente, dos seus ramos mais importantes: as indústrias

de construção de máquinas, electroenergética e química. A indústria pesada foi, para a URSS, a chave que abriu as portas ao desenvolvimento de todos os demais ramos da economia nacional e, por conseguinte, à ampla incorporação no trabalho das massas trabalhadoras.

Para o seu processo de industrialização, a União Soviética não podia contar com ajuda externa. Ora, as enormes obras básicas exigiam bilhões de rublos de investimentos.

Só havia um caminho – utilizar todas as reservas e recursos internos, aplicar um rigoroso regime de austeridade, aumentar a circulação dos recursos na indústria e no comércio estatais para elevar o ritmo da acumulação socialista.

Esta tarefa era extraordinariamente complexa. Durante a sua solução, o PCUS e o povo soviético depararam com grandes dificuldades internas e externas, originadas pelo atraso técnico-económico do País (herdado da Rússia czarista), pela complexidade da acumulação de enormes recursos para a construção básica, a quantidade diminuta de quadros industriais e a falta de experiência.

Foi particularmente difícil a tarefa da acumulação de recursos. O Estado soviético, que se encontrava no cerco capitalista hostil, teve que contar só com as suas próprias possibilidades. Dado que a Revolução de Outubro liquidou a propriedade privada das fábricas, empresas, minas e centrais eléctricas, todos os lucros das empresas industriais, transportes, comércio interno e externo e sistema bancário iam agora parar às mãos do Estado e podiam ser aproveitados para o desenvolvimento da indústria. A URSS nacionalizou todas as empresas estrangeiras. Isto conferiu ao Poder Soviético a possibilidade de destinar verbas consideráveis (800-900 milhões de rublos/ouro)

para as necessidades do desenvolvimento industrial, verbas essas que, no tempo do czarismo, saíam anualmente do País, sob a forma de juros e dividendos auferidos pelos empresários estrangeiros por conta do capital investido na Rússia.

Recebida a terra em usufruto gratuito, o camponato começou a compreender que o caminho para uma vida abastada passava necessariamente pela industrialização, pois só a indústria poderia fornecer ao campo máquinas agrícolas e artigos industriais. Os camponeses passaram assim a prestar ajuda ao Estado, tanto com o seu trabalho como directamente com recursos materiais.

A mobilização das poupanças pecuniárias da população, procedentes do seu trabalho e depositadas nas caixas económicas do Estado, bem como a emissão de empréstimos estatais internos constituíram fonte importante de meios para a industrialização do País. Todos os empréstimos eram feitos numa base voluntária e os títulos eram adquiridos pela população. Assim, de 1927 a 1929, por proposta dos operários, foram emitidos 3 empréstimos para a industrialização, numa soma total de 1 bilião e 450 milhões de rublos. Estes empréstimos foram realizados num curto prazo.

Da soma total de investimentos feitos na indústria, também figuraram créditos estrangeiros, mas estes constituíram uma percentagem insignificante - cerca de 1,5 por cento.

Tudo isto permitiu resolver com êxito a tarefa da acumulação de verbas para o financiamento da indústria nos anos do primeiro e segundo planos quinquenais (1928 - 1937). Para a ampliação e modernização das empresas industriais, o Estado pôde destinar, durante estes anos, verbas 14 vezes maiores do que no primeiro decénio do Poder Soviético.

Logo em 1927, teve início a construção de grandes empresas como a central hidroelétrica do Dniepre, a fábrica de construções mecânicas pesadas dos Urais, a siderurgia de Kuznetsk, as fábricas de tractores de Stalinegrado e Kharkov. Foram estas as primeiras pedras fundamentais da industrialização socialista.

No final de 1927, realizou-se o XV Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Nele foram aprovadas as directrizes do primeiro plano quinquenal de desenvolvimento da economia nacional.

O primeiro quinquénio (1928-1932) colocou a tarefa fundamental de lançar os alicerces da economia socialista e garantir o desenvolvimento predominante da indústria pesada. Deveriam ser construídas e postas em funcionamento mais de 1.500 grandes empresas.

Ao elaborar o plano quinquenal, tomaram-se em consideração as dificuldades que se erguiam no caminho da edificação económica. Entre elas, por exemplo, a desproporção entre a mão-de-obra existente no campo e as reais possibilidades da sua utilização. A superpopulação agrária e o desemprego, a que ela, por migração, dava origem nas cidades, só podiam ser superados com a industrialização do País.

No plano quinquenal foi elaborado um amplo programa de ofensiva contra o desemprego: rápido fomento da indústria, aumento dos postos de trabalho e redução da jornada de trabalho para sete horas.

Para os anos do primeiro quinquénio, planeou-se um incremento anual médio da produção industrial soviética de 20 por cento. Vem a propósito assinalar que, nos Estados Unidos da América, há cem anos atrás, no período de maior sur-

to industrial, o crescimento anual da produção nunca ultrapassou os 8,7 por cento.

Só se poderia cumprir esse enorme volume de trabalho, e a ritmos tão rápidos, coordenando estreitamente as duas grandes direcções do desenvolvimento económico: a intensiva e a extensiva. A primeira tinha em vista o sensível incremento da produtividade de cada trabalhador; a segunda, o aumento global do número de trabalhadores e, acima de tudo, da classe operária. O plano apontava para um grande aumento do número de operários e empregados ocupados na economia nacional.

Em Outubro de 1928, o povo soviético iniciou o cumprimento do primeiro plano quinquenal.

Durante a edificação de numerosas obras, o trabalho teve que realizar-se, com frequência, com base no esforço físico, em difíceis condições climatéricas e de vida. Mas ninguém se assustou com tais dificuldades. Todos estavam dominados por extraordinário entusiasmo laboral, tanto os que trabalhavam na construção civil como os que forneciam material, instrumentos e equipamentos para as obras. A construção realizava-se em todas as regiões do nosso enorme País, em todas as repúblicas nacionais. Praticamente, no decorrer do primeiro quinquénio, entrava em funcionamento, todos os dias, uma grande obra industrial; no decorrer do segundo quinquénio esse ritmo triplicou!

Durante a construção de novas empresas e a reconstrução técnica das já existentes, consolidaram-se os ramos anteriores e criaram-se uma série de novos importantes ramos: as indústrias de tractores, automóvel, aeronáutica, a produção de aços de qualidade, de rolamentos de esferas, de

material eléctrico e de rádio, etc. Desenvolveram-se ainda mais as indústrias ligeira e alimentar.

Foram de particular importância os êxitos alcançados no desenvolvimento da indústria de construção de máquinas. Durante um decénio, este ramo aumentou 13 vezes a sua produção, o que permitiu, nos fins do segundo quinquénio (1937), renunciar quase totalmente às escravizadoras compras de equipamentos industriais ao estrangeiro. A indústria soviética atingiu posições de vanguarda pelo seu nível técnico.

Para se ter uma ideia da envergadura dos trabalhos de industrialização realizados na URSS nos anos dos primeiros quinquénios, basta dizer que as novas capacidades de produção, criadas na indústria em dez anos, ultrapassaram em quatro vezes as que haviam sido construídas na Rússia em toda a sua história pré-revolucionária. O País deu um gigantesco salto do atraso para o progresso, o que permitiu modificar radicalmente a fisionomia da indústria, o seu lugar e papel na economia nacional.

Em 1930, entraram em funcionamento empresas que ainda hoje figuram entre os gigantes industriais da URSS: a fábrica de máquinas agrícolas de Rostov, a fábrica de tractores de Stalingrado (actual Volgogrado), a fábrica de ceifeiras-debulhadoras «Kommunar», em Zaporójie. No mesmo ano, entraram também em funcionamento as primeiras oficinas da fábrica de ceifeiras-debulhadoras de Sarátov, da fábrica de maquinaria pesada dos Urais, das fábricas de ferramentas «Frézer», «Kalibr» e «Charikopodchípnik» de Moscovo, da fábrica de automóveis da cidade de Górkii.

Todo o território do País foi coberto por uma verdadeira floresta de obras. Em 1930, começou a trabalhar a grande siderurgia de Mariúpol, si-

tuada na costa do Mar de Azov; nos Urais iniciava-se a construção do primeiro alto-forno da empresa siderúrgica de Magnitogorsk; aumentou rapidamente a construção de empresas para a produção de borracha sintética; começou a exploração de novas minas de hulha no Donbass, Kuzbass e arredores de Moscovo. Em lugares anteriormente perdidos da taigá, surgiram novos centros industriais: Komsomolsk-sobre-o Amur, Magnitogorsk, Khibinogorsk, Kuznetsk e outros.

No final do segundo quinquénio, a produção industrial aumentou 6 vezes em relação ao nível pré-revolucionário. A indústria ocupou solidamente posições de vanguarda. Dentro da própria indústria, os ramos produtores de meios de produção passaram a ocupar posições dominantes. Foram totalmente superadas as desproporções que existiam entre a indústria e a agricultura, entre a indústria pesada e a indústria ligeira, características da economia da Rússia pré-revolucionária.

A construção e a exploração das novas empresas industriais e de transporte exigiam dezenas e centenas de milhares de trabalhadores. Só em 1929, mais de 800 mil pessoas receberam trabalho nas obras em construção. Nalguns locais começou-se mesmo a sentir falta de mão-de-obra, especialmente de operários qualificados.

O Governo Soviético colocou a tarefa da preparação mais rápida de operários para a construção civil provenientes do campo. Se, anteriormente, tinha sido necessário conter a afluência da força de trabalho do campo para a cidade, agora, os rápidos ritmos da industrialização exigiam a atracção dos camponeses para as cidades. O País viu-se na necessidade de recrutar organizadamente mão-de-obra do campo. Em dois anos do primeiro quinquénio, incorporaram-se em todos os ramos

de economia nacional cerca de 3 milhões de pessoas.

A industrialização modificou consideravelmente a face económico-social de todo o País. Em 10 anos, quase triplicou o número total de operários, especialistas e empregados ocupados na indústria. O número de trabalhadores de construção civil crescem nas mesmas proporções. Se, em 1928-1929, na URSS havia ainda entre 1,4 e 1,7 milhões de desempregados, no fim de 1930, este mal social do passado encontrava-se já por completo liquidado.

Deste modo, os grandes investimentos de capital na economia nacional e o desenvolvimento da indústria pesada permitiram ao jovem Estado socialista assegurar ritmos bastante rápidos de aumento do número de postos de trabalho e do número de pessoas empregadas. O mundo não conheceu até então exemplo semelhante. Também hoje, em nenhum Estado burguês isso se verifica.

A busca de vias para o rápido desenvolvimento da economia, em geral, e da produção industrial, em particular, é um dos problemas mais actuais, sobretudo para os Estados que dão os primeiros grandes passos na construção económica. Esses países vêm-se obrigados a decidir por onde começar, a determinar que ramos da produção social se devem desenvolver em primeiro lugar. A experiência da URSS aponta em favor do desenvolvimento preferencial da indústria pesada como base para o posterior ascenso de toda a indústria.

A necessidade do desenvolvimento acelerado da indústria pesada depreende-se da lei económica objectiva de incremento predominante da produção de meios de produção (instrumentos e objectos de trabalho). Este princípio é bastante claro, na medida em que, para fomentar as indústrias ligei-

ra e alimentar (produtoras de artigos de consumo), é preciso possuir instalações fabris, máquinas-ferramentas, equipamentos, combustível, energia eléctrica, metais e material químico, de que são fornecedoras as indústrias de maquinaria pesada, energética, construção civil, metalúrgica e química. Entretanto, a teoria e a prática económicas soviéticas nunca encararam o crescimento preponderante da indústria pesada como uma norma eterna, que seja indispensável cumprir sempre, independentemente das particularidades das condições históricas concretas.

Causas históricas objectivas forçaram a URSS a desenvolver a indústria pesada à custa da redução temporária dos ritmos de crescimento de outros ramos. Naquela altura, na URSS, não se colocava sequer o problema dos ramos industriais que se deveriam desenvolver em primeiro lugar, pois existia uma única possibilidade: criar a indústria pesada nacional para garantir a independência técnico-económica do País e não permitir que o imperialismo estrangulasse o primeiro Estado socialista do mundo.

Nestas circunstâncias, não se podia encarar de outra forma a questão da escolha da via do desenvolvimento económico. E o País dos Sovietes conseguiu realizar, num curto espaço de tempo, a passagem dum estado qualitativo da economia para outro.

A principal atenção dada à indústria pesada permitiu à União Soviética desenvolver, num relativamente curto espaço de tempo, outros ramos da indústria e a economia nacional, em geral, e assegurar uma elevada ocupação da população. A existência duma indústria própria permitiu à URSS resistir em luta frontal contra a Alemanha

fascista e os seus satélites, poderosamente armados, e vencer nessa dura guerra (1941-1945).

4. A colectivização da agricultura – importante factor de liquidação do desemprego

O plano leninista de colectivização da agricultura previa a integração dos camponeses na construção do socialismo através da cooperativização sob todas as suas formas (das inferiores às superiores), isto é, indo da criação de cooperativas de abastecimento e venda à criação de cooperativas de produção. O princípio da livre associação devia ser, segundo Lénine, o princípio básico da cooperativização das explorações camponesas. Os camponeses eram esclarecidos sobre as vantagens do trabalho colectivo, do emprego da diversa maquinaria agrícola e principalmente dos tractores. Ao observarem o trabalho dos sovkhozes (empresas agrícolas estatais), os camponeses podiam convencer-se pessoalmente dessas vantagens. Quando os camponeses se uniam em cooperativas agrícolas, o Estado prestava-lhes ajuda material e financeira, estimulando assim o trabalho colectivo.

Nos fins dos anos 20, a população rural já se tinha convencido, na prática, das vantagens do trabalho colectivo. Em 1930, iniciou-se a associação das massas camponesas em kolkhozes – grandes empresas agrícolas colectivas. A prática de transformação socialista do campo fez do kolkhoze a principal forma de cooperação dos camponeses. O kolkhoze permitia, com efeito, conjugar da melhor forma os interesses da empresa colectiva e os interesses particulares dos camponeses.

No kolkhoze socializavam-se o trabalho dos camponeses, as suas terras e todos os principais meios de produção. A remuneração realizava-se segundo o trabalho, em conformidade com a sua quantidade e qualidade. Permaneciam como propriedade pessoal as casas de habitação, as pequenas alfaias agrícolas e parte do gado. Os membros da cooperativa agrícola possuíam ainda pequenos lotes de terra para utilização pessoal (até 0,5 ha).

A indústria de maquinaria agrícola, criada no primeiro quinquénio, contribuiu muito para a constituição e fortalecimento dos kolkhozes: os tractores e as ceiferas-debulhadoras facilitavam o trabalho dos camponeses, contribuindo para a elevação da sua produtividade.

O robustecimento do sistema dos kolkhozes e sovkhoses no campo desempenhou um importante papel na eliminação do desemprego. Organizados em kolkhozes, os trabalhadores do campo ampliaram muito as áreas de sementeira. Assim, por exemplo, entre 1929 e 1930, as áreas de sementeira de cereais aumentaram, em todo o País, em 6 milhões e 400 mil hectares. A mecanização do trabalho agrícola não só possibilitou cultivar os campos com maior êxito, como também ampliar o volume dos diversos trabalhos. Os kolkhozes começaram a construir nas aldeias grandes estábulos, silos, redes de água canalizada, garagens, oficinas de reparações. Iniciou-se a construção de hospitais, clubes e edifícios administrativos, o que permitiu garantir trabalho aos pedreiros, carpinteiros, marceneiros, etc.

Surgiu a possibilidade de obtenção de novas profissões no campo: especialistas em mecanização, tractoristas, motoristas de ceifeiras-debulhadoras, etc. . . A colectivização permitiu também

realizar, em ampla escala, obras de irrigação e a construção de estradas.

Aumentou o número de professores primários e médicos rurais. O campo precisava cada vez mais de especialistas: engenheiros, agrónomos, zootécnicos, operários e empregados qualificados: serralheiros, contabilistas, etc.

Na Primavera de 1930, nas cidades tinham sido preparados para os kolkhozes e sovkhoses 50 mil tractoristas e motoristas, 100 mil operários qualificados e 25 mil dirigentes de kolkhozes.

A criação dos kolkhozes e sovkhoses permitiu ampliar o aproveitamento dos recursos laborais no interior da produção agrícola, deteve o êxodo dos camponeses para as cidades, permitindo resolver melhor as tarefas do desenvolvimento da agricultura. A colectivização do campo foi um dos factores mais importantes para a liquidação do desemprego.

5. A revolução cultural e o pleno emprego

Já os primeiros anos da edificação socialista na URSS mostraram que seria impossível construir a nova sociedade sem elevar o nível de instrução e, de um modo geral, o nível de cultura da população. Uma das principais orientações da revolução cultural foi assim a elevação da instrução popular e a criação de condições para que dezenas de milhões de pessoas pudessem estudar.

Pouco tempo depois do triunfo da revolução socialista, o Poder Soviético desencadeou a luta contra o analfabetismo. Esta tarefa não era fácil, pois no início da década de 20, mesmo entre os operários russos residentes nas cidades havia 40%

de analfabetos; entre os camponeses, esta percentagem era de 80%. Nas regiões periféricas do País, a situação era ainda muito pior. A alfabetização dos uzbekos atingia apenas 1,6%, dos turcomenos - 0,7%, dos tadjiques - 0,5%. Mais de 40 nacionalidades e grupos étnicos não possuíam sequer escrita própria.

No movimento de todo o povo pela liquidação do analfabetismo, incorporaram-se todos os operários e camponeses alfabetizados, assim como os estudantes e empregados. Abriram-se salas de aula por toda a parte onde era possível arranjar locais mais ou menos adequados para o efeito.

Nos três primeiros anos do Poder Soviético, aprenderam a ler e escrever vários milhões de pessoas, embora a guerra civil, a intervenção estrangeira, a ruína económica e a fome tivessem enormemente dificultado esse trabalho. Depois da vitória sobre a contra-revolução e a intervenção estrangeira (1920), cresceram notavelmente os ritmos e a eficácia do trabalho educativo. A associação «Abaixo o analfabetismo!» contribuiu muito, com a sua actividade, para tal êxito. Dezenas de milhares de escolas por todo o país levavam os primeiros conhecimentos aos analfabetos. Até final de 1927, tinham aprendido a ler e a escrever aproximadamente 10 milhões de adultos (Durante o quinquénio de 1928 a 1932, mais 20 milhões).

Todas as iniciativas na esfera da cultura contribuíram, de modo mais ou menos directo, para a redução e liquidação do desemprego.

Nos anos do primeiro quinquénio, o número de alunos nas escolas aumentou em mais de 50%. Todos os tipos de ensino se tornaram gratuitos. Se antes, por diversos motivos, os adolescentes eram obrigados a abandonar a escola para procu-

rar trabalho, indo frequentemente engrossar o exército de desempregados, agora, a sua maioria podia já continuar os estudos, pois o Estado assumia todas as despesas com o ensino da jovem geração. O desemprego entre a juventude começou assim a diminuir.

Em vez dos numerosos tipos de escolas privadas e estatais, das chamadas escolas «livres» ou «autónomas» dos países ocidentais, foi criada, na URSS, a escola de ensino geral única, acessível, em igual medida, a todos os cidadãos. Quais as vantagens dessa escola? Logo após a Grande Revolução Socialista de Outubro – a liquidação do analfabetismo, a instrução obrigatória de quatro anos. Depois, o ensino obrigatório de sete e oito anos. Finalmente, a partir de 1976 – o ensino secundário geral, neste momento já concretizado, no fundamental, em todo o País:

O Poder Soviético conseguiu vencer uma injustiça histórica – o atraso bem marcado na instrução de muitos povos das chamadas «minorias nacionais», particularmente oprimidas na Rússia czarista. Outrora, nem sequer se falava de escolas superiores (ou mesmo secundárias) em toda uma série de regiões periféricas. As primeiras escolas superiores surgiram aí imediatamente após o término da guerra civil. Actualmente, mais de 1/7 de todas as escolas superiores soviéticas (aproximadamente 120 das 860) encontram-se nas repúblicas soviéticas da Ásia Central e no vizinho Cazaquistão, se bem que nelas viva apenas 1/9 de toda a população do País.

A ampliação da rede de escolas, no fim da década de 20, exigia cada vez mais novos e novos quadros de professores. Segundo o primeiro plano quinquenal, por exemplo, a necessidade de quadros de professores de escolas primárias aumen-

tara 5 vezes e a de professores de escolas secundárias, quase 3 vezes.

Só nos dois primeiros anos do quinquénio, o número de professores aumentou aproximadamente em 50 mil. Mas, mesmo este verdadeiro exército de trabalhadores do ensino, não estava em condições de garantir plenamente o cumprimento do programa de instrução de todo o povo. Foi então anunciada uma admissão suplementar de jovens nos institutos pedagógicos. Em todos os domínios do saber, o número de especialistas com instrução superior aumentou de 90 mil, em 1928, para 184.500, em 1932.

Grande número de pessoas passou a trabalhar nas instituições da rede cultural e educativa, que foi bastante ampliada: clubes, bibliotecas, museus, cinemas. Durante o primeiro quinquénio, o número de trabalhadores das instituições culturais aumentou mais de um terço.

Os rápidos ritmos da industrialização e da colectivização da agricultura ditavam a necessidade de formação de especialistas com qualificação superior. Eram necessários engenheiros, agrónomos, zootécnicos, pessoal médico, contabilistas e outros especialistas. O Estado destinou verbas consideráveis à preparação desses quadros, o que permitiu, por exemplo, durante o quinquénio, duplicar o número de engenheiros e aumentar o de médicos num terço. Todas estas medidas tiveram por objectivo aumentar significativamente o número de intelectuais soviéticos e, ao mesmo tempo, contribuir para a liquidação do desemprego entre tal camada social.

A liquidação do analfabetismo e a elevação da instrução do povo eram asseguradas graças à reestruturação do trabalho das escolas de ensino geral e superior. Por todo o País foram inaugura-

das novas escolas secundárias. O ensino superior tornou-se acessível a todos quantos o desejassem adquirir. O ensino nas universidades, institutos e escolas técnicas tornou-se gratuito. Em cursos especiais, prestava-se ajuda aos operários e camponeses na sua preparação para o ingresso nas escolas superiores; para eles foram organizadas faculdades operárias especiais, adjuntas aos institutos.

O País passou à formação em massa de especialistas para todos os ramos da economia nacional. Nos primeiros anos do quinquênio, centenas de milhares de jovens tornaram-se estudantes dos institutos e escolas técnicas.

Ao organizar a instrução, o Estado Soviético colocava-se a tarefa de libertar os trabalhadores de preconceitos seculares, formando-os como participantes conscientes da edificação da nova sociedade, da sociedade socialista. A imprensa, a rádio e a arte — tudo passou a estar orientado para dar aos trabalhadores os indispensáveis conhecimentos teóricos, para lhes fazer compreender as leis do desenvolvimento social.

No primeiro quinquênio, também se desenvolveu a ritmos acelerados a saúde pública. Construíram-se novos hospitais, postos clínicos, diversos centros sanitários e profiláticos. Abriram-se por toda a parte postos médicos, maternidades, creches e jardins de infância. Aumentou também a necessidade de quadros médicos. Todos os médicos desempregados obtiveram a possibilidade de trabalhar.

Em 1929, as bolsas de trabalho já não dispunham de reservas de pessoal médico qualificado. Nas regiões periféricas, já se fazia sentir a falta de médicos. Mais tarde, a insuficiência de médicos passou a observar-se mesmo nas grandes cidades.

Deste modo, os progressos verificados na saúde pública, graças aos constantes cuidados do Estado para com as necessidades essenciais e a elevação do bem-estar dos trabalhadores, liquidou o desemprego entre mais um numeroso destacamento da intelectualidade.

* * *

No início de 1930, o exército laboral de reserva foi-se reduzindo de mês para mês. As novas obras em construção precisavam de dezenas de milhares de operários. Na segunda metade do ano, só o número de desempregados na construção civil reduziu-se quase 30 vezes! O grupo de desempregados industriais desaparecia também rapidamente. Concluiu-se o processo de liquidação do desemprego no sector do trabalho intelectual. O mesmo se observou no que respeita aos operários não qualificados.

Em 7 de Novembro de 1930, dia do 13º aniversário da Revolução de Outubro, o jornal «Pravda» escreveu: «Os proletários da URSS, em aliança com o campesinato trabalhador (...) conseguiram a completa eliminação do desemprego...»

O direito dos operários, kolkhozianos e intelectuais ao trabalho, por eles conquistado com a Revolução Socialista de Outubro, estava agora realmente assegurado. O desemprego desapareceu graças aos êxitos conseguidos na edificação socialista, acompanhados da elevação geral do nível cultural e da melhoria da situação material dos trabalhadores.

Os amigos do País dos Sovietes em todo o mundo acolheram com admiração a liquidação do desemprego na URSS.

Em 1931, o destacado escritor dinamarquês Martin Andersen Nexö escrevia que a liquidação

do desemprego na URSS era um resultado normal da edificação da nova sociedade socialista.

Paul Vaillant-Couturier, conhecido poeta, escritor e publicista francês, dirigindo-se aos jovens contemporâneos, dizia: «Imaginem um país com um território 40 vezes superior ao da França, no qual se ouvem constantemente, dum extremo a outro, anúncios de emprego — 'Trabalhadores — precisam-se'. Na URSS não existe desemprego».

Todos os anos, visitantes estrangeiros vêm à URSS para participar nos festejos do aniversário da Revolução de Outubro. Em 1931, primeiro ano de total ausência de desemprego na URSS, chegaram muitos trabalhadores de países capitalistas. Visitaram várias cidades do País e, ao relatarem as suas impressões frisaram em particular: «É com grande alegria que podemos constatar a completa liquidação do desemprego na União Soviética. Este facto, por si só, é já uma brilhante prova da superioridade da economia nacional socialista planificada sobre a anarquia capitalista».

Naqueles anos, alguns representantes do mundo ocidental faziam frequentemente aos Soviéticos mais ou menos a mesma pergunta: «Não voltará o desemprego ao vosso país?» A resposta era sempre segura: «Não, jamais teremos desemprego!» Mas, os cépticos não se conformavam e profetizavam: «Quando a URSS atingir o nível dos países industrializados, compartilhará a sua sorte e deparará com desemprego, crises e tudo o mais». Houve quem procurasse (e há, hoje, quem ainda procure) provar que a utilização dos êxitos da ciência e da técnica terá inevitavelmente de arrancar à produção parte da mão-de-obra activa.

Eram estes os maus agoiros. A realidade mostrou, porém, quem tinha de facto razão: na União

Soviética há já 50 anos que não existe desemprego e toda a população apta para o trabalho tem ocupação assegurada.

6. As mulheres no espelho da igualdade de direitos

O Poder Soviético, logo com os seus primeiros decretos, eliminou todos os tipos de desigualdade social e política de que as mulheres até aí se encontravam feridas. Elas foram completamente igualadas aos homens nos direitos cívicos, no casamento e na família, na esfera do ensino. Adoptaram-se medidas para a protecção ao trabalho feminino, à maternidade e à criança. Consolidou-se o princípio de pagamento igual por trabalho igual.

O Decreto sobre a Formação do Governo Operário-camponês, aprovado pelo II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia (7-9 de Novembro de 1917), previa a participação das mulheres na direcção do Estado, através das organizações das trabalhadoras industriais e das camponesas. A igualdade política das mulheres foi consagrada na primeira Constituição Soviética, promulgada em 1918.

Porém, a igualdade legislativa nem sempre significa já uma igualdade real. Não se pode participar na direcção do Estado ou na construção da nova vida se é analfabeto. E o analfabetismo, entre as mulheres, atingia proporções de catástrofe: só 25% sabiam ler e escrever! E isto na Rússia, pois nas regiões periféricas orientais, as mulheres eram todas analfabetas! Com o Poder Soviético, as mulheres passaram a frequentar as

escolas e os círculos de liquidação do analfabetismo, juntamente com os homens. Apesar das dificuldades e da escassez do orçamento, o Estado destinou verbas suplementares especiais para o ensino das operárias e das camponesas.

Ao garantir às mulheres a obtenção de emprego nas mesmas condições que as dos homens, o Governo Soviético considerava que não se lhes devia oferecer simplesmente qualquer trabalho (um trabalho auxiliar ou primitivo), mas que era preciso conceder-lhes a possibilidade de se dedicarem a um trabalho qualificado, isto é, ensinar-lhes profissões operárias. Já em 1929, quase metade dos alunos de centros ou escolas técnicas eram do sexo feminino. Para as faculdades operárias das escolas superiores eram enviadas as mulheres trabalhadoras de vanguarda, às quais eram concedidos grandes privilégios na admissão.

Nos anos 20, no Oriente do País abriram-se escolas para a alfabetização das mulheres das minorias nacionais, escolas-internatos para raparigas e clubes femininos.

O desemprego dos anos 20 atingiria principalmente as mulheres trabalhadoras. Porém, o Governo Soviético, com um sistema de medidas especiais, criou possibilidades vantajosas para o emprego das mulheres. Dedicou-se particular atenção às mulheres trabalhadoras da Ásia Central. Aqui, a preparação de quadros qualificados foi levada a cabo com a ajuda da Federação Russa. Por exemplo, nos anos 20, as mulheres turcomenas aprendiam o ofício de tecelã em fábricas da região de Moscovo.

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, em muitos países o desemprego entre as mulheres é quase duas vezes superior ao desemprego entre os homens. No último decé-

nio, na Itália ficaram sem trabalho mais de um milhão de mulheres. No Japão, as mulheres só podem praticamente adquirir trabalho antes dos 30 anos. Em geral, não se concede emprego às mulheres casadas ou com filhos.

Na União Soviética, o desemprego feminino, tal como o masculino, já não existe desde 1930. Todas as mulheres, independentemente da idade, nacionalidade ou origem social, recebem salário de acordo com a quantidade e a qualidade do trabalho fornecido. Tudo depende apenas dos conhecimentos e capacidades. Evidentemente que uma mulher que domine melhor do que o homem a profissão e tenha maior experiência de trabalho, possui uma categoria de qualificação mais elevada e, naturalmente, recebe também uma remuneração maior pelo seu trabalho.

Na URSS, há muito tempo que desapareceram problemas do tipo: «sempre que a mulher recebe um trabalho, tira esse lugar ao homem»... No socialismo não há nem pode haver concorrência entre o trabalho masculino e o trabalho feminino. Nas condições de desenvolvimento planificado e sem crises da economia, de pleno emprego da população e de elevados ritmos de fomento de todos os ramos da economia nacional, ao Estado Soviético não se coloca o problema de saber que trabalho aproveitar em primeiro lugar – se o do homem, se o da mulher.

O trabalho chega para todos! Na URSS, as mulheres constituem cerca de 60% de todos os especialistas com instrução superior e média especializada ocupados na economia nacional: na indústria – 49% de todos os trabalhadores; na saúde pública, nas organizações de educação física e de previdência social – 85%; no ensino e na cultura – 73%, na ciência – 49%. A União Soviética é

o único país do mundo que conta com um tão grande número de quadros femininos de engenheiros e técnicos, e com um tão elevado peso específico em toda esta categoria de especialistas.

Tão-pouco há problemas com a colocação de mulheres de idades mais avançadas. Mesmo as mulheres que já recebem pensão de velhice (ao atingir 55 anos, e em determinadas profissões – aos 50 e mesmo aos 45 anos), se o desejarem, podem continuar a trabalhar numa série de ramos da economia nacional, recebendo o salário e a pensão.

A igualdade de direitos do homem e da mulher, consagrada na Constituição, é assegurada na realidade com numerosas garantias jurídicas e materiais. Nos últimos tempos, em todo o mundo tem vindo a aumentar a ocupação feminina. Assim, na França, na esfera da produção material, as mulheres constituem mais de metade dos trabalhadores, nos EUA – mais de 40%. Mas, é necessário ter em consideração uma circunstância. Enquanto que na URSS há mais mulheres na esfera do trabalho intelectual e mecanizado (4/5 na saúde pública, previdência social e instrução, 2/3 na rádioeléctronica e administração económica) nos países ocidentais o trabalho feminino é principalmente utilizado na esfera dos serviços.

Como mostram as pesquisas sociológicas, a maioria das mulheres soviéticas prefere trabalhar, em primeiro lugar, por prestígio moral, e em segundo – por considerações económicas. No Ocidente, estas razões fundamentais vêm pela ordem inversa. . .

7. Um crescimento económico constante

Geralmente, os economistas burgueses gostam de apresentar, nas discussões, a seguinte tese:

numa determinada fase, a vossa economia atingirá um nível que, quer vocês queiram ou não, terá que travar o seu desenvolvimento e, por conseguinte, reduzir os postos de trabalho da população. E, então, no vosso país surgirá o desemprego. No entender dos nossos opositores, a história da economia dos países capitalistas desenvolvidos provaria isso mesmo. . .

— Não, — respondem os economistas soviéticos — a nossa economia desenvolve-se planificadamente, segundo leis que excluem o seu desenvolvimento unilateral, que conduz a insucessos, a crises e ao desemprego. O objectivo da produção socialista é a mais plena satisfação das crescentes necessidades materiais e culturais da população. O desenvolvimento planificado da economia deve satisfazer em abundância as necessidades da sociedade e de todos os seus cidadãos. Existem assim possibilidades ilimitadas de desenvolvimento.

O progresso técnico conduz, na URSS, à melhoria radical e à facilitação das condições de trabalho, à liquidação de todo o trabalho não qualificado e, finalmente, à redução da jornada de trabalho. E a jornada curta permitirá aos trabalhadores dedicar mais tempo à elevação da sua preparação especial e geral, à cultura, ao desporto, ao descanso. Portanto, nem a diminuição da ocupação, nem o desemprego ameaçam os Soviéticos nem amanhã, nem num futuro mais distante.

Toda a actividade económica do Estado Soviético pode ser caracterizada resumidamente pela palavra de ordem do Programa do PCUS — «Tudo em nome do homem, tudo para o bem do homem». É precisamente a este objectivo que se destina a distribuição do rendimento nacional da URSS.

Parte do rendimento nacional vai directamente para o consumo da sociedade sob a forma de pa-

gamento dos salários aos trabalhadores, assistência médica e instrução gratuitas, despesas com a construção de casas de habitação (concedidas à população gratuitamente), pagamento de diversos subsídios, pensões, bolsas de estudo e outros bens sociais.

A outra parte do rendimento nacional, o fundo de acumulação, é a base material dos cuidados da sociedade com o seu futuro. Este fundo garante principalmente o fomento permanente da economia socialista. Para que o bem-estar do povo se eleve constantemente, para que a capacidade defensiva esteja sempre a alto nível, para que o País disponha sempre das reservas materiais indispensáveis, a sociedade socialista precisa não duma simples reprodução anual em proporções idênticas, mas duma reprodução ampliada, ou seja, duma reprodução que vai aumentando o seu volume em cada ciclo e ano ulteriores.

Para tal, é preciso aproveitar novos recursos minerais, construir novas vias de comunicação, novas fábricas e empresas, reconstruir as que estão em funcionamento e assegurar o seu reequipamento técnico e tecnológico, etc. É nisto que se gastam os meios do fundo de acumulação.

E eis que se coloca a questão: será suficiente o fundo de acumulação para garantir simultaneamente, de ano para ano, o incremento do potencial produtivo, dos meios materiais em circulação e, o que é fundamental, da mão-de-obra (a questão que presentemente mais nos interessa)?

A resposta só pode ser afirmativa. Porque nas condições do socialismo é o próprio povo, na pessoa dos órgãos representativos — os Sovietes de Deputados do Povo e o aparelho estatal — quem estabelece as proporções entre o montante

do consumo e da acumulação, partindo das suas principais necessidades e interesses.

Nos primeiros anos do Poder Soviético, quando depois da ruína foi necessário iniciar a edificação económica praticamente a partir do zero, o consumo e as acumulações eram insignificantes. Contudo, o povo preocupava-se com o dia de amanhã, dando por isso preferência à acumulação, ou seja, à ampliação da produção material e à incorporação contínua nela de milhões de pessoas.

À medida que se foi consolidando o novo sistema social, que se foi fortalecendo o seu poderio económico e aumentando o rendimento nacional, foram também aumentando notavelmente as possibilidades de utilização prática dos bens do socialismo real. Em resumo – ampliou-se a base material para um futuro ainda mais próspero.

Na URSS, a distribuição do rendimento nacional faz-se centralizada e planificadamente, numa rigorosa base científica e é ratificada pelo Soviete Supremo da URSS – órgão legislativo máximo do País.

O fundo de acumulação, cujo montante é determinado pelo Estado, garante o aumento simultâneo dos meios de produção e de mão-de-obra. Quanto maior ele é, tanto maior é também o volume anual da produção e, por conseguinte, mais elevados são os ritmos da reprodução ampliada. Isto permite satisfazer, em proporções cada vez maiores, as necessidades da população.

A gestão planificada da economia é uma das grandes vantagens do sistema socialista. Com base na análise científica dos problemas da economia nacional, os órgãos centrais de planificação determinam as possibilidades a longo prazo

do incremento da produção social e do aumento do nível de vida da população.

Os planos quinquenais de desenvolvimento da economia nacional garantem a mais completa satisfação de uma das necessidades fundamentais do homem — a necessidade de ter trabalho e de receber, através dele, os meios de subsistência indispensáveis. O Estado cuida do aumento sistemático do poder de compra dos trabalhadores e, conseqüentemente, da ampliação do mercado interno.

Ao planear a distribuição do rendimento nacional e ao determinar os grandes objectivos, o Estado utiliza os fundos de acumulação e de consumo de forma a que os elevados ritmos de incremento da produção assegurem sempre o pleno emprego.

Uma outra das grandes vantagens do socialismo em relação a todas os sistemas sócio-económicos anteriormente existentes, consiste no facto do mercado poder desenvolver-se em plena conformidade com a produção. No sistema socialista, o objectivo da produção social é a satisfação das necessidades dos trabalhadores; portanto, o mercado, ou seja, a quantidade de mercadorias, a sua qualidade e variedade, aumenta em completa concordância com a ampliação da produção, os seus êxitos e possibilidades.

O poder de compra da população é assegurado pela elevação constante das receitas monetárias dos trabalhadores, pelo aumento da remuneração do trabalho. No nono quinquénio (1971-1975), devido à realização pelo Estado de medidas centralizadas, foram elevados os salários de mais de 75 milhões de operários e empregados dos ramos produtivos. Entre 1976 e 1979, foram aumentados os vencimentos e ordenados dos trabalhadores

dos ramos não produtivos da economia. Foram elevadas as receitas de 40 milhões de pessoas através do aumento das pensões, bolsas de estudo, subsídios e outros pagamentos. No décimo quinquênio (1976-1980), o salário médio dos operários e empregados deverá aumentar 18% e a remuneração do trabalho dos camponeses, 27%.

Devido a este constante aumento do poder de compra da população e à ampliação do mercado, a sociedade socialista não corre o perigo de as empresas não trabalharem a plena potência e de afrouxamento do desenvolvimento económico.

A União Soviética produz máquinas e equipamentos modernos e está em condições de resolver os mais complexos problemas técnicos. Ela é pioneira nas investigações cósmicas e no emprego da energia atômica para fins pacíficos. A sua agricultura, outrora atrasada, é hoje um ramo altamente mecanizado e organizado.

Uma das maiores conquistas do socialismo consiste na plena confiança no futuro de todos os membros da sociedade. Cada soviético sabe que o seu trabalho, as suas capacidades e energias sempre terão aplicação e serão dignamente apreciados. Tem a certeza de que os seus filhos adquirirão gratuitamente instrução e possibilidades de desenvolver as suas aptidões. Sabe que a sociedade jamais o abandonará; que, em caso de doença, receberá tratamento gratuito; em caso de invalidez terá pensão e que a sua velhice estará amparada.

Aproximadamente três quartos do rendimento nacional da URSS são gastos no consumo; a parte restante – na ampliação da produção socialista, na elevação da sua eficácia, no aceleração do progresso técnico-científico e no aumento da produtividade do trabalho.

8. A planificação e os recursos de mão-de-obra

A planificação leva em conta cientificamente todos os recursos existentes e os que se vão formando na sociedade: materiais, financeiros e de mão-de-obra. É na base desta análise que os órgãos estatais de planificação elaboram os planos a curto e longo prazo. A força de trabalho existente e o seu aumento previsível são levados em consideração, quando da elaboração dos planos, como uma componente muito importante e indispensável. O Estado sabe de antemão quantas novas pessoas entrarão na esfera da produção e garante o desenvolvimento da economia nacional de forma a que todos possam incorporar-se no processo de trabalho.

Nesta base cresceu rapidamente o número de pessoas ocupadas na economia nacional. De 1931 (primeiro ano de ausência de desemprego) até 1940, o número de operários e empregados passou de 20 para 34 milhões. Os ritmos do pós-guerra foram ainda mais impetuosos. De 1945 a 1958, o número de operários e empregados duplicou. Este impetuoso aumento prosseguiu também no período posterior. Em 1975, na economia nacional estavam ocupadas já mais de 100 milhões de pessoas, o que equivale a 92% da população apta para o trabalho.

A maior parte da população da União Soviética vive em pequenas cidades, cujo número de habitantes não ultrapassa 20-40 mil pessoas. Num passado recente, nessas cidades, devido ao insuficiente desenvolvimento industrial, era baixa a percentagem das pessoas ocupadas na produção social. Agora, habitualmente, não se constroem novas empresas nas grandes cidades; instalam-se,

de preferência, nas pequenas, que recebem assim um novo estímulo para o desenvolvimento. A utilidade económica da construção de empresas nas pequenas cidades não oferece dúvidas, tanto mais que contribui para a solução do problema da migração da população para as grandes cidades, travando o aumento demográfico destas.

A pequena cidade de Ogre situa-se na Letónia – uma das 3 repúblicas soviéticas do Báltico. Recentemente foi construída aí uma grande fábrica têxtil. A sua capacidade é de 13 milhões de peças de vestuário de malha por ano (a população de toda a Letónia é de cerca de 2 milhões de pessoas).

– Precisarás, então, Ogre de semelhante empresa?

– Se me fizessem esta pergunta há uns 40 anos atrás, isto é, antes do estabelecimento do Poder Soviético na Letónia – disse o velho trabalhador têxtil letão Osvald Lapins –, eu riria à vontade. Para quê? Conseguiria a Letónia consumir tão grande quantidade de peças de vestuário de malha? E onde arranjar a matéria-prima? Que milionário se decidiria a investir tanto dinheiro nesse negócio?...

Mas, como se fala nisso nos nossos dias, eu respondo: é justo que haja um complexo industrial desses em Ogre. Os habitantes de Moscovo, Kíev e Achkhabad adquirirão vestuário feito na Letónia. Eles comprá-lo-ão com o mesmo prazer com que nós compramos os tapetes turcomenos, os tecidos moscovitas e os vinhos georgianos. A República possui experiência e velhas tradições. A matéria-prima chegará de outras repúblicas soviéticas. O Estado destinará o dinheiro para a construção. Todo o País dos Sovietes está interessado na nossa produção.

O Estado destinou 56 milhões de rublos para a construção da empresa. Esta medida previa a solução simultânea de muitos problemas. Além do aumento da produção de artigos de consumo, teve-se também em consideração um aspecto social, muito actual nesta região – a ocupação das mulheres.

A cidade de Ogre está situada junto ao rio do mesmo nome e perto do caudaloso Daugava. Até há pouco, só era conhecida como um pequeno lugar balnear. A sua população dedicava-se principalmente à agricultura. A mecanização da agricultura permitiu libertar grande número de mão-de-obra. Os homens começaram a trabalhar em empresas industriais, pois a quarenta quilómetros encontra-se Riga – capital da Letónia. Para as mulheres, sobre as quais recai a maior parte dos afazeres domésticos, era mais difícil conseguir um trabalho interessante próximo de suas casas. A construção da empresa têxtil veio resolver esse problema. Ela é, por assim dizer, um reino de mulheres, aliás, dotado de tudo o indispensável: bons jardins de infância e boas creches, escolas industriais e cursos de elevação da qualificação, toda a espécie de lojas, um clube e um cinema. E tudo está ao alcance da mão. A empresa realiza grandes obras de construção residencial, e os recém-casados não têm que esperar muito para receber novos apartamentos.

A produção da empresa têxtil (vestidos, casacos, camisolas e outros artigos de malha) é enviada a 278 destinatários. Envia-se diariamente por caminho-de-ferro e em camionetas 30 mil artigos para todas as repúblicas soviéticas. Por sua vez, as repúblicas mandam para aí, em conformidade com o gráfico nacional elaborado com precisão, cargas sem as quais é impossível a laboração da

empresa. De diversos lugares (Casaquestão, Ucrânia, Calmúquia, Stávropol) chegam lã, corantes, produtos sintéticos, combustível e materiais de construção.

A empresa de Ogre resolveu inteiramente o problema do pleno emprego da população, tendo-o feito da forma que se concebe no sistema socialista.

Outro exemplo. Há um quarto de século, foi descoberto na parte ocidental da Ucrânia um jazigo de carvão. Na base da sua exploração, surgiu a cidade de Novovolynsk. Mas as reservas descobertas chegarão apenas para mais 10-15 anos. Que sucederá depois com a população de 50 mil habitantes quando as minas fecharem?

Por encargo dos seus eleitores, Alexandre Razbórski, deputado ao Soviete Supremo da URSS, dirigiu a seguinte proposta ao governo da República da Ucrânia: tem sentido construir em Novovolynsk uma grande empresa de construção de máquinas. Isso ajudaria a resolver, no futuro, a questão do emprego da população.

O governo da República estudou a questão sobre o destino de Novovolynsk e, entre as variantes examinadas, a proposta do mineiro constituiu argumento suplementar a favor da melhor solução do problema. A instância seguinte — o Comité de Estado para o Plano — aprovou a proposta.

Isto aconteceu no começo da década de 70. Justamente naquela altura, decidia-se o problema da construção duma empresa de equipamentos para a indústria electrotécnica, com a participação de países membros de Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME).

Uma série de considerações económicas (redução dos preços de custo da construção devido

à existência de uma boa base, infraestruturas desenvolvidas da mão-de-obra qualificada) sugeria a utilidade de «ligar» a futura empresa a um centro industrial já desenvolvido: Novovolynsk não podia, portanto, ser uma forte pretendente. Porém, como se tratava dos destinos de dezenas de milhares de pessoas, os cuidados com o seu bem-estar pesaram mais que as considerações puramente económicas, e foi decidido construir a fábrica de equipamentos tecnológicos em Novovolynsk.

A cidade tem o seu futuro garantido — fábrica oferecerá vários milhares de postos de trabalho. Para a formação de quadros qualificados foram abertas uma escola electromecânica e outra de aprendizagem técnico-profissional.

A produção da fábrica, em cuja construção participaram a Polónia e a RDA, são máquinas-ferramentas e linhas automáticas para a produção de artigos electrotécnicos (por exemplo, motores eléctricos e transformadores), que serão usados em todos os ramos da economia nacional.

As questões da utilização dos recursos de mão-de-obra ocuparam sempre um dos lugares centrais na ciência e prática económicas da construção socialista. Este problema é um dos mais complexos e agudos, pois nele se manifesta uma ligação directa entre os processos económicos e sociais. Os recursos de mão-de-obra são dezenas de milhões de pessoas com capacidades, interesses e necessidades diferentes, para quem a actividade laboral ocupa o principal lugar na lista de valores. Os êxitos no desenvolvimento económico e social do País dependem, ao fim e ao cabo, do eficaz aproveitamento da mão-de-obra.

Nos próximos anos, este problema far-se-á sentir com toda a acuidade. Durante muito tempo,

a economia nacional da URSS em contínuo desenvolvimento ia buscar os quadros necessários não apenas ao crescimento natural da população urbana, mas também às populações rurais que vinham para as cidades. O constante fornecimento de nova técnica à produção agrícola, a especialização e a cooperação dos kolkhozes e sovkhoses contribuíam para a libertação de pessoas da esfera do trabalho rural. Se, em 1928, estava ocupada na agricultura 80% da população activa, em 1965 – já só 31% e em 1977 – 23%. Este processo prosseguirá de futuro, mas já a ritmos menos rápidos.

Nos próximos dois decénios, espera-se na URSS o menor incremento de sempre da população apta para o trabalho. Causa – as consequências demográficas da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1977, a população apta para o trabalho começou a enriquecer-se com a juventude nascida nos anos 60. Ora, naqueles anos verificou-se uma quebra da natalidade, devido ao reduzido número de mulheres nascidas durante a guerra. Além disso, nos fins dos anos 70, passarão à reforma, por velhice, número crescente de mulheres; e, na segunda metade da década de 80, grande número de homens, que nasceram nos anos de elevada natalidade e que não participaram na guerra. É a primeira vez que a União Soviética se depara com situação demográfica tão desfavorável.

Por conseguinte, tanto nos próximos tempos como nos mais distantes horizontes do desenvolvimento económico-social da URSS, não só não se vêem sombras de desemprego, como, pelo contrário, se vislumbra já o problema da falta de mão-de-obra.

9. Onde ir buscar reservas?

Como vai a União Soviética resolver o problema dos recursos de mão-de-obra na complicada situação demográfica descrita? Em primeiro lugar, através da elevação da eficácia da produção social, fundamentalmente recorrendo ao aperfeiçoamento da técnica, da tecnologia e a uma melhor organização da produção.

Uma das tarefas do décimo quinquénio consiste justamente em garantir nas empresas, actualmente em funcionamento, todo o incremento da produção ou do trabalho, mantendo-se o mesmo número, ou um número inferior, de trabalhadores.

Porque se coloca o problema desta forma? Em primeiro lugar, porque, paralelamente às empresas em funcionamento, se constroem muitas empresas novas que necessitam de mão-de-obra. Também é necessária mão-de-obra suplementar para aumentar a produção nos ramos que determinam a eficácia da produção social e, por conseguinte, devem desenvolver-se de forma particularmente intensa. Em segundo lugar, é preciso encontrar reservas para a ampliação dos ramos não produtivos e, nomeadamente, do sector dos serviços. Paralelamente à mecanização dos serviços públicos, exige-se um aumento considerável do número de pessoas de sector dos serviços.

O objectivo justifica os meios. A elevação do nível de vida material e cultural, uma cada vez mais plena satisfação das necessidades dos trabalhadores, contribuem para a ulterior elevação da produtividade do trabalho, para a utilização mais racional dos recursos materiais e de mão-de-obra do País, para a criação da abundância de

bens materiais e culturais, e de condições ainda mais favoráveis à educação das pessoas.

À medida que, quinquênio após quinquênio, crescem as receitas, aumentam as necessidades culturais do povo e surgem novas necessidades. Portanto, em cada novo quinquênio encaminhar-se-á um número cada vez maior de trabalhadores para o sector dos serviços.

Na URSS, a elevação do papel da produtividade do trabalho no incremento do volume da produção é lei do desenvolvimento da produção, que se revelou, aliás, plenamente no nono quinquênio. Entre 1971 e 1975, começaram a trabalhar na economia nacional aproximadamente 10 milhões de pessoas. Mas, os planos para o quinquênio foram elaborados tendo em conta que, se a produtividade do trabalho permanecesse ao nível de 1970, seriam necessários não 10 milhões de pessoas suplementares, mas sim cerca de 37 milhões(!) para o cumprimento dos programas de produção e para a utilização de todos os investimentos de capitais. A elevação da produtividade do trabalho, graças à qual se conseguiu «poupar» 20 milhões de pessoas, obteve-se através do reequipamento técnico da produção, da melhoria da sua organização e gestão.

Nos últimos quinze anos, a produtividade do trabalho social tem aumentado, na URSS, a uma média de 5,5 por cento ao ano. O incremento da produtividade do trabalho alcançado no nono quinquênio equivale, como se disse, à economia duma força de trabalho de 20 milhões de pessoas. No décimo plano quinquenal (1976-1980), planeia-se atingir um índice ainda maior, ou seja, economizar o trabalho de 26 milhões de pessoas.

Se a mecanização e automatização representam um bem para a produtividade do trabalho, serão

elas um bem ou um mal para o homem? Não conduzirão elas ao conflito entre o homem e o progresso técnico?

A fábrica de confecções «Bolchevitchka» (Moscou) caracteriza-se por um elevado nível de mecanização e automatização da produção. Em cada quarenta segundos produz-se nesta empresa um fato novo – este o ritmo de laboração da empresa. A técnica permite aumentar ainda mais a velocidade da cadeia de produção. Mas, nesse caso, o esforço físico exigido dos trabalhadores seria já inadmissível. Nas empresas soviéticas, isto é proibido. Os médicos, o serviço da técnica de segurança e o sindicato controlam o regime de funcionamento da cadeia de produção. A responsabilidade administrativa recai directamente sobre o engenheiro-chefe da empresa, o aparelho da secção de produção e o director.

Nos últimos cinco anos, nas oficinas da «Bolchevitchka» foram montadas cerca de um milhar de unidades de equipamentos de grande rendimento. Com a introdução da nova técnica e conseguindo assim uma elevação da produtividade do trabalho, a empresa, ao mesmo tempo, aumenta os salários aos seus trabalhadores. O seu nível depende do grau de aproveitamento da técnica e, por conseguinte, do rendimento em cada posto de trabalho, e dos índices de qualidade. Estimula-se material e moralmente o desejo dos trabalhadores de elevarem a sua qualificação, dominarem profissões congéneres e apresentarem propostas inovadoras. Existem, para tal, diversos cursos gratuitos.

O século XX é o século da revolução técnico-científica, que abre as mais amplas possibilidades à poupança dos recursos humanos. A utilização cada vez mais activa das realizações da ciência

e da técnica na produção contribui para a libertação de mão-de-obra, que é canalizada para os ramos da economia nacional onde se faz sentir agudamente a sua necessidade.

O Estado Soviético utiliza vários meios para que o aumento da produção seja conseguido, pelo menos, sem aumento do número de trabalhadores. O Estado procura, em primeiro lugar, reforçar o interesse económico das empresas na elevação da produtividade do trabalho. Estimula-se a utilização mais eficiente da mão-de-obra e a libertação dos seus excedentes. Pagam-se prémios especiais pela introdução de nova técnica, pelo cumprimento das tarefas de produção com um número menor de trabalhadores, pelos êxitos na racionalização da produção e pela actividade inventiva.

No socialismo, o processo de substituição do trabalho humano pela técnica tem um papel progressista, tanto para a sociedade como para os trabalhadores, que são ajudados pelas máquinas. Quanto maior é a eficácia dos novos meios de trabalho, tanto maior será o número de pessoas libertadas, o que torna possível deslocá-las para outras empresas que sentem falta de mão-de-obra. Além disso, a aplicação das realizações técnico-científicas melhora e facilita consideravelmente as condições de trabalho das pessoas, reduz a jornada de trabalho sem que se verifique diminuição dos salários, torna a vida na produção mais fácil, acaba com o pesado trabalho físico e com toda a espécie de trabalho manual e não qualificado.

Qual o destino dos trabalhadores excedentes? O que lhes proporciona a revolução científico-técnica?

Tomemos, a título de exemplo, a empresa Stchiókin, do complexo de produção «Azot», na

região de Tula (centro da parte europeia da Rússia). Aqui, devido à organização racional e à mecanização da laboração, foram dispensadas das suas oficinas mais de 1.500 pessoas. Simultaneamente, a empresa aumentou a produção 2,7 vezes. Como se conseguiu isso?

Graças à aplicação de um novo sistema automatizado de direcção, surgiu a possibilidade de ampliar as zonas de serviço de cada um dos operadores. Esta inovação permitiu dispensar 433 pessoas. A seguir, a mecanização do trabalho manual e a organização mais racional do trabalho permitiram dispensar outras 324 pessoas. Todas elas receberam outra colocação sem qualquer redução de salário. A maioria continuou a trabalhar na sua especialidade nas outras oficinas do complexo ou noutras empresas da cidade. Parte dos operários adquiriu novas profissões em cursos gratuitos proporcionados pela empresa. Mais de duzentas pessoas passaram a trabalhar em empresas de outras cidades da URSS. O complexo «Azot» pagou-lhes a viagem e a nova empresa concedeu-lhes gratuitamente habitação.

Geralmente, depois da libertação de mão-de-obra, realiza-se a sua redistribuição por outros sectores. Em geral, parte dos trabalhadores encontra trabalho na mesma empresa, em processo de reconstrução ou ampliação, e os restantes transferem-se para outras empresas. Nos últimos anos, cerca de 20% dos trabalhadores dispensados foram transferidos para outros ramos da indústria, passaram a trabalhar nas indústrias química, radioelectrónica, de construção de máquinas agrícolas, nas indústrias ligeira e alimentar.

Sob controlo da sociedade encontra-se quer o próprio processo de libertação de quadros, quer o mecanismo da sua redistribuição e reciclagem.

O Estado procura conjugar ao máximo os interesses da sociedade e do indivíduo durante a re-colocação dessas pessoas, tomando em consideração o nível de qualificação dos trabalhadores, o carácter e o «défice» das suas profissões e especialidades, a idade e o sexo, o montante do salário anterior, as condições de habitação, culturais e de conforto, as tradições nacionais, condições nacionais, condições climatéricas e outras.

Cada novo plano quinquenal significa novas centenas de obras – fábricas, empresas, complexos, centrais eléctricas, vias de comunicação, etc. Há já vários decénios que se realizam grandes obras para o aproveitamento das riquezas naturais da Sibéria, Extremo Oriente, Norte e outras regiões. Aí estão concentrados grandes recursos materiais, energéticos e de matérias-primas, e o Estado despende verbas consideráveis para prover essas regiões com mão-de-obra.

Para que as pessoas que se mudam para novos lugares fixem aí residência permanente, foram previstos, nessas regiões, ritmos mais elevados de construção de casas de habitação e também de escolas, hospitais, instituições pré-escolares e outras de serviços à população e culturais. No desenvolvimento das novas regiões, planeia-se a construção de empresas para o aproveitamento do trabalho, tanto masculino como feminino, a fim de se criarem condições para a colocação nas suas especialidades de todos os que para aí se deslocam.

Nas novas regiões orientais e setentrionais com condições de natureza e clima difíceis que estão a ser aproveitadas, os operários e os empregados recebem salários mais elevados do que nas regiões ocidentais.

Actualmente, os ritmos de desenvolvimento da Sibéria, do Norte e do Extremo Oriente ultrapassam consideravelmente os ritmos de desenvolvimento das regiões há muito exploradas da parte europeia do País. Aparecem aí novas cidades, complexos industriais, mais variadas empresas e multiplicam-se os centros científicos.

10. Quando se extingue uma profissão operária. . .

O progresso técnico leva ao desaparecimento de especialidades pouco produtivas, baseadas no trabalho manual uniforme. Assim, no mais antigo ramo da indústria soviética, o têxtil, nos últimos anos foram dispensadas dezenas de milhares de pessoas.

Mas elas não ficaram sem trabalho. Pelo contrário, ficaram ainda a ganhar. De que forma? Vamos por partes. Por um lado, o problema coloca-se não só a esta ou àquela empresa, mas também ao Estado em geral. É evidente que nenhuma empresa está interessada em perder quadros operários que conhecem bem a sua especificidade. Procura-se mantê-los na empresa.

Por outro lado, o problema coloca-se ante o próprio operário, cuja profissão se extinguiu. O problema não consiste no medo de ficar sem trabalho ou de sofrer qualquer dano material — isto não pode acontecer na União Soviética. Esse problema é mais de carácter psicológico, pois as pessoas, a partir de certa idade, não estão dispostas a mudar de profissão.

Suponhamos que uma mulher trabalhou numa empresa durante vinte anos. É uma boa especia-

lista. Em casa tem família e, possivelmente, já tem até netos. E, de repente, eis que tem de começar a estudar de novo! É bastante difícil sentir-se fora do trabalho habitual e começar de novo, tal como há muitos anos, a estudar. Mas, a vida obriga...

Por sua vez, a administração procura ajudar, por todos os meios, esses trabalhadores: ajuda-os materialmente e procura não apenas ensinar-lhes outras especialidades, mas também fornecer-lhes uma qualificação mais elevada. As empresas da indústria têxtil da URSS gastam todos os anos, com a preparação de novos operários, a reciclagem e a elevação da qualificação dos quadros, mais de 35 milhões de rublos.

Antes das tecelãs passarem a manejar novas máquinas, elas têm que começar novamente a estudar. No período de estudo, elas continuam a receber o antigo salário. Depois da passagem ao trabalho em novos teares, os seus salários, em geral, aumentam uns 20%.

É característico e exemplo do complexo têxtil de seda «Krásnaia Rosa» de Moscovo. Com a reconstrução da empresa, viu-se estarem a mais 215 pessoas do quadro. Mas essas pessoas não foram para a rua! Quando a empresa trabalhava com equipamentos antigos, não conseguia manter completo o quadro da fábrica. Isso conseguiu-se apenas com a introdução de novas máquinas automáticas. Além disso, a reconstrução permitiu melhorar verticalmente as condições de trabalho dos operários e elevar os seus salários.

A dispensa de pessoas de profissões auxiliares é também uma importante reserva para o aumento do destacamento de quadros qualificados. Esses trabalhadores de baixa qualificação aprendem novas profissões ligadas geralmente ao manejo da

técnica. Como resultado, as pessoas que aprenderam novas profissões recebem no novo local de trabalho uma remuneração mais elevada e maior satisfação moral.

É bastante mais complexo o problema da libertação de mão-de-obra qualificada numa série de profissões de trabalho manual (no passado, extremamente procuradas e muito bem remuneradas, exigindo grande experiência prática e habilidade) que hoje se tornam desnecessárias, devido ao progresso técnico. A sociedade soviética também aí encontra solução, aproveitando esses conhecimentos e prática e aplicando-os às condições da produção mecanizada. Por exemplo, numa série de empresas, reduziu-se a necessidade de serralheiros. Depois de nova aprendizagem, os operários dispensados tornaram-se ajustadores e mecânicos de instalações e de máquinas-ferramentas especiais, de máquinas computadoras e perfuradoras em empresas de produção de material eléctrico e de rádio. Eleva-se rapidamente a parte dos operários ocupados na direcção de máquinas e mecanismos, no controlo do funcionamento de máquinas automáticas, elevam-se assim notavelmente, na URSS, as categorias de operários ocupados fundamentalmente em trabalho intelectual. Por exemplo, o trabalho intelectual dos fundidores de aço nos fornos eléctricos ocupa actualmente, em média, 70% das horas de trabalho; o dos operadores que comandam os painéis de direcção automática nas empresas químicas - 90%; o dos ajustadores e mecânicos de cadeias automáticas é, por seu turno, ainda maior. Apareceram postos de trabalho operário que só podem ser ocupados por especialistas diplomados por escolas médias especializadas ou mesmo superiores. A União Soviética conta já com cerca de 1 milhão

e quinhentos mil destes operários e, num futuro próximo, este grupo atingirá vários milhões.

11. Como se adquire uma profissão

A Constituição da URSS aprovada em 1977 reconhece a cada cidadão o direito à escolha da profissão, de acordo com a vocação, capacidades, formação profissional e instrução.

A que ponto este direito é real?

A sociedade soviética está objectivamente interessada em que cada pessoa possa desenvolver as suas capacidades, determinar correctamente a sua vocação, estudar e obter qualificação, pois disso depende o progresso da própria sociedade.

A economia nacional da União Soviética precisa não apenas dum determinado número de operários, kolkhozianos e empregados. Ela necessita de quadros que correspondam ao actual elevado nível da produção. A preparação de quadros de determinada composição profissional e qualificação garante-se através do sistema de estabelecimentos de instrução superior e média especializada e do sistema de ensino profissional. Em 1976/1977, frequentaram as escolas de ensino secundário especializado 4,6 milhões de pessoas e as escolas superiores - 5 milhões.

Actualmente, a URSS dispõe de especialistas e operários qualificados, cuja composição profissional e nível de preparação se elevam constantemente, de acordo com as exigências do progresso técnico-científico.

No País, funcionam mais de 5.700 escolas técnico-profissionais (PTU). Só em 1976/1977, frequentaram estas escolas 3,5 milhões de rapazes e raparigas. O ensino é, como a todos os outros

níveis, gratuito. Os jovens com instrução secundária completa ou incompleta adquirem em 2-3 anos de estudo uma de mais de 1.100 especialidades; os que não possuíam ensino secundário, adquirem-no simultaneamente. Presentemente, já 50% das escolas de ensino técnico-profissional entregam aos finalistas, juntamente com o diploma da especialidade, o diploma de conclusão do ensino secundário geral, que permite ingressar na escola superior.

As escolas de aprendizagem técnico-profissional funcionam, geralmente, junto às grandes empresas, bem apetrechadas tecnicamente, o que assegura à partida uma moderna base material de estudo. Para melhorar a qualidade do ensino, as empresas cedem aos estabelecimentos de ensino a documentação técnica e materiais indispensáveis, destinando aos alunos secções e oficinas das fábricas e galerias de minas, dotadas dos mais modernos mecanismos. Os finalistas das escolas recebem colocação na especialidade. A classe operária e o campesinato kolkhoziano recebem assim, dessas escolas, quadros de elevada qualificação. Cada finalista tem trabalho garantido na especialidade.

Desde os primeiros anos do Poder Soviético que o reforço numérico da classe operária é encarado, na URSS, como importante questão estatal. Em todas as etapas da edificação do socialismo, a preparação de quadros operários realizou-se sob duas formas principais: nos estabelecimentos de ensino profissional permanentes e directamente na produção (em brigada ou individualmente). A segunda forma é a mais divulgada, mas tem certos defeitos: ela não confere um nível suficientemente elevado de conhecimentos teóricos profissionais e prepara sobretudo o operário para tra-

balhar precisamente numa empresa concreta. Tal preparação é muitas vezes inaceitável para novas fábricas e, ainda menos, para novos ramos de produção.

12. Como se formou o sistema das PTU

Em Janeiro de 1920, V. I. Lénine assinou o decreto que criava o Comité Principal para o Ensino Técnico-Profissional, adjunto ao Commissariado do Povo para as Questões da Instrução. Passado um ano, no País funcionavam 43 escolas de aprendizagem industrial (FZU), frequentadas por 2 mil alunos. Em 1922/23, já havia 2.097 escolas e 146,1 mil alunos, e em 1932/33 - 3.900 escolas e cerca de um milhão de alunos.

Com o início do primeiro quinquénio, a economia soviética começou a ganhar força rapidamente. Nos fins do segundo quinquénio (1937), a URSS ocupava já o segundo lugar no mundo pela sua produção industrial. O reequipamento técnico da indústria impôs a modificação do sistema de formação de quadros. Para tais mudanças contribuíram também os êxitos alcançados naquela altura no domínio cultural, em particular, a liquidação do analfabetismo entre a juventude.

Em 1940 foram criadas as escolas de formação industrial (FZO) e as escolas de ensino profissional. Elas converteram-se nos principais estabelecimentos de ensino, fornecedores de jovens operários qualificados à indústria. Essa reforma não se limitou a uma simples substituição de nomes - ela aumentou a duração do curso e elevou sensivelmente as exigências para com os alunos. A partir de Janeiro de 1941, por resolução especial

do CC do Partido Comunista e do Governo Soviético, todas as receitas obtidas pelas FZO com o cumprimento das encomendas estatais de produção passaram a ficar à disposição dessas escolas. Estes recursos permitiram melhorar o abastecimento dos alunos com alimentação, vestuário e material didáctico.

O primeiro grupo de finalistas destes estabelecimentos de ensino concluiu os estudos um mês antes da Grande Guerra Pátria (Junho de 1941).

A guerra introduziu modificações substanciais na sua actividade. A maioria dessas escolas passou a cumprir encomendas militares. Reduziu-se o prazo de ensino e aumentou a jornada de aprendizagem na produção. Suspenderam-se às aulas teóricas e os exames. Partiram para o exército os mestres de ensino prático, sendo substituídos pelos finalistas mais capazes. Mais de 700 escolas de formação profissional e outras foram evacuadas para as regiões orientais do País, outras 900 foram destruídas e saqueadas pelos invasores hitleristas nas regiões ocidentais do País.

Porém, apesar de tudo isso, o sistema estatal de ensino profissional continuou a funcionar, mostrando na prática a sua eficácia. Desde 1940 até ao fim da Grande Guerra Pátria (1945), foram preparados e colocados na produção dois milhões e quinhentos mil jovens operários - contribuição muito sensível para a solução duma das tarefas mais difíceis do tempo da guerra: o provimento da economia nacional com quadros qualificados.

Logo no primeiro ano do pós-guerra, o Governo aprovou uma resolução sobre a preparação de operários qualificados para os próximos cinco anos. Estabeleceu-se uma lista das especialidades que

se deviam ensinar nas escolas de ensino profissional e nas escolas FZO.

Na URSS, o sistema de preparação de operários desenvolveu-se sempre segundo o plano, aperfeiçoando-se e modificando-se constantemente em consonância com as exigências da vida. Por exemplo - logo no primeiro ano do pós-guerra, verificou-se falta de operários em ramos da indústria como a extracção de carvão e de minérios, metalurgia, etc. Mas, decorrido um ano, as escolas de formação profissional viam duplicar o número de finalistas para a metalurgia e quadruplicar o número de finalistas para a indústria carbonífera.

À medida que foi crescendo o apetrechamento técnico da indústria, alterou-se também o sistema de formação de quadros: aumentaram os prazos de ensino, elevaram-se as exigências em relação ao nível de instrução dos que ingressavam e mudou a orientação profissional das escolas.

As actuais escolas técnico-profissionais (PTU) são resultado lógico do processo de aperfeiçoamento da formação centralizada de quadros nas condições da revolução técnico-científica. Nas PTU ingressam rapazes e raparigas com instrução mínima de oito anos. Isso permite efectuar o ensino profissional a um nível qualitativamente novo, de acordo com as elevadas exigências que a produção moderna apresenta ao operário. As PTU dispõem duma base de ensino prático bem apetrechada, possuem internatos, garantem aos alunos alimentação e roupa gratuitas. O Estado continua, naturalmente, a assumir as despesas com o ensino.

Operam-se grandes mudanças na esfera da preparação de quadros directamente na produção. Agora, começam a trabalhar nas fábricas e em-

presas jovens com instrução de 8 a 10 anos e hábitos de trabalho já adquiridos nas escolas de ensino geral. É claro que estes jovens não podem ser ensinados como há 40 anos ou mesmo como há 10 anos atrás. A própria produção se tornou também mais complexa, tecnicamente mais perfeita. Necessita de pessoas capazes de executar não apenas esta ou aquela operação, mas também de acompanhar em geral o progresso técnico e nele participar. As numerosas formas de ensino na produção estão orientadas para a solução destas tarefas.

Existem três formas de preparação de operários qualificados directamente na produção: individual, em brigada e em cursos.

No ensino individual, o aluno trabalha ao lado e sob o controlo dum operário experiente, que lhe ensina a especialidade. No período de aprendizagem, o futuro operário recebe já um salário. Preparam-se assim os torneiros, serralheiros e soldados.

A preparação em brigada aplica-se nos casos em que um grupo de 5-10 jovens aprende a mesma especialidade. São ensinados por um instrutor. Assim se preparam, por exemplo, os operários de montagem da construção civil, pedreiros, carpinteiros.

No século da impetuosa revolução técnico-científica, os conhecimentos profissionais dos operários, assim como quaisquer conhecimentos requerem constante enriquecimento e aprofundamento. É por isso que adquire grande importância a elevação sistemática da qualificação dos quadros. Nas empresas soviéticas funcionam escolas de experiência de vanguarda, cursos para a aprendizagem de segundas profissões e de profissões congêneres, cursos para fins bem determinados.

Nas escolas de experiência de vanguarda aprendem-se os métodos de trabalho dos inovadores da produção.

Os cursos técnicos de produção são uma forma difundida de elevação da qualificação. Neles, os operários elevam o seu nível teórico e aprendem métodos de trabalho mais complexos. A aprendizagem nesses cursos termina, normalmente, com a atribuição, ao operário, duma categoria mais alta, o que traz consigo, automaticamente, aumento do salário.

Os operários também podem enriquecer os seus conhecimentos frequentando as escolas de contra-mestres, as escolas de economia, diversos cursos, as universidades de conhecimentos técnico-económicos, as escolas nocturnas para a juventude operária, as escolas médias especializadas e superiores, nocturnas ou por correspondência.

A elevação da qualificação dos trabalhadores efectua-se em grande escala. Todos os anos, mais de 18 milhões de operários e empregados aprendem, gratuitamente, novas profissões ou elevam a sua qualificação directamente na produção. Além disso, cerca de 4,2 milhões de operários e empregados estudam em escolas médias especializadas e superiores, nocturnas ou por correspondência. Cada colectivo de produção é assim, simultaneamente, uma verdadeira escola de formação de quadros. Formam-se e multiplicam-se aí os conhecimentos profissionais e a experiência de produção de todos os trabalhadores.

Todos os colectivos de trabalho aspiram a que os conhecimentos dos trabalhadores, a sua mestria e prática profissionais correspondam plenamente às exigências da produção moderna. Esta actividade é dirigida por engenheiros e instrutores.

Nos grandes colectivos de produção estão ocupadas neste trabalho dezenas de pessoas, ajudadas por especialistas e operários altamente qualificados de outras subdivisões técnicas. As salas de aula bem apetrechadas, os gabinetes técnicos, as secções e oficinas de estudo nas empresas são uma grande ajuda para os que desejam elevar a sua qualificação. É difícil encontrar uma fábrica ou empresa que não tenha uma boa biblioteca de literatura técnica.

13. Na URSS, o trabalho procura o homem

Todos os anos entram na economia nacional da URSS cerca de 3,5 milhões de operários e especialistas. E cada um deles tem trabalho garantido. Nas 15 Repúblicas Federadas funcionam Comités Estatais para o Aproveitamento dos Recursos de Mão-de-obra. A sua actividade é uma importante garantia para a concretização do direito dos cidadãos soviéticos ao trabalho. Assim, no décimo quinquénio, esses Comités planearam enviar mais de meio milhão de operários para as mais importantes obras em construção, para as novas empresas da indústria química, ligeira, têxtil, alimentar e para outros ramos da indústria, bem como para os trabalhos permanentes e temporários na indústria florestal e pesqueira do Extremo Norte e do Extremo Oriente.

Todas as Repúblicas Federadas irmãs tomaram parte e continuarão a participar no aproveitamento dos recursos do Norte, da Sibéria, dos Urais, do Extremo Oriente e de outras regiões da Federação Russa. Para essas regiões serão enviados, por contratação organizada, mais de 120 mil

operários. A legislação prevê para eles determinadas regalias: trabalho garantido na especialidade indicada no contrato, habitação, subsídios de viagem e outros.

Na maioria das obras em construção no Extremo Norte e na Sibéria, a juventude constitui 70 a 80% de todos os operários. O que atrai os jovens a essas regiões? Em primeiro lugar, a possibilidade de pôr à prova as suas forças, capacidades e vontade na superação das dificuldades. Papel bastante importante é igualmente desempenhado pelo romantismo que, sem dúvida, possui o desbravamento de regiões inexploradas.

O jovem que partiu, por exemplo, para uma região da taigá siberiana para construir uma cidade, suporta determinadas privações: inicialmente não tem um apartamento confortável e tem limitadas, em relação às grandes cidades, as possibilidades de lazer. Não obstante, prefere as novas povoações e cidades em construção ao conforto dos lugares habitados. Essa sua atitude não está relacionada com a remuneração do trabalho (que, diga-se a propósito, aí é mais elevada do que nas obras em construção no centro do País). Das 15 mil pessoas que responderam a um inquérito realizado nas novas obras em construção na Sibéria, cerca de 13 mil colocaram em primeiro lugar a importância social do seu trabalho e não os salários.

Trabalhando nas obras em construção na Sibéria e no Extremo Oriente, a juventude aprende a saber distinguir o individual e o social, a sentir responsabilidade pela causa comum, a educar em si uma atitude criadora, comunista, para com o trabalho. Muitos jovens dirigem, aliás, as obras em construção. É uma norma, e não uma excepção, os jovens aí serem directores de grandes

empresas e chefes de obras em construção. Isso também atrai a juventude.

Eles partem de bom grado para as construções em curso nas regiões longínquas do País. Mas também com a ajuda das organizações estatais e sociais.

Como mostram as investigações sociológicas, na URSS, 25 jovens em cada 100, ao concluírem o ensino secundário, ainda não escolheram de modo preciso o seu futuro caminho. Ou seja, eles ainda não sabem como podem aplicar o seu direito de escolha. A sociedade ajuda-os, orientando-os em conformidade com as suas capacidades e instrução.

Em cada cidade (e, nas grandes cidades, em cada bairro) existe centro de emprego. Esses centros recebem todos os pedidos das empresas duma cidade concreta ou bairro, sobre as profissões de que necessitam: operadores de máquinas-ferramentas, trabalhadores da construção civil, montadores, contabilistas, «designers», etc... Esses centros também ajudam as pessoas a escolher trabalho, segundo a vocação e em conformidade com o nível de preparação profissional, e, claro está, levando em conta as necessidades sociais.

Os centros de emprego, aliás, não só reúnem os pedidos das empresas e instituições, como verificam se estes correspondem ou não à situação real. Esta verificação é feita juntamente com as comissões sociais para as questões da colocação dos jovens, que funcionam adjuntas aos comités executivos dos Sovietes de bairro — órgãos locais do poder. Os centros de emprego informam, pela televisão, rádio, imprensa (e anúncios de rua) das necessidades sentidas pelas empresas em especialistas e operários.

Os centros não só analisam os recursos de mão-de-obra do seu bairro, como zelam pelo modo como são aproveitados. Tudo isto permite fazer previsões da distribuição da mão-de-obra tendo em conta as tendências do desenvolvimento da indústria.

A actividade dos centros de emprego resolve em parte o problema «o homem e o trabalho». E resolve-o da seguinte forma: o trabalho procura o homem. Porém, nas condições da sociedade soviética, em que se sente, por toda a parte, falta de mão-de-obra, aparece também um outro problema: o homem procura o trabalho que mais o satisfaça.

Na URSS, o salário do operário qualificado não é inferior ao de um engenheiro, um professor escolar ou um jornalista. São elevados, por exemplo, os vencimentos dos operários dos serviços técnicos do transporte automóvel; ganham bem os operários das cadeias de produção das empresas gigantes. Apesar disso, os que desejam trabalhar nas cadeias de produção são muito menos do que aqueles que desejam ingressar nos institutos e tirar um curso de engenharia. Porque não é o dinheiro o que atrai a juventude. Os jovens apreciam o trabalho na base de um outro critério: é ou não um trabalho interessante? Tem perspectivas, ou não?

As investigações sociológicas mostram que, na URSS, para o homem que começa a sua actividade laboral, o montante do salário deixou de desempenhar o principal papel. Dá-se preferência a profissões e sectores da produção em que existam melhores condições de trabalho e o próprio trabalho é mais interessante, mesmo que os salários sejam inferiores.

Os inquéritos realizados entre a juventude provam que, para a maioria dos rapazes e raparigas soviéticos, o principal é o próprio carácter do trabalho e as condições de enriquecimento cultural e desenvolvimento criador que as empresas criam para os seus trabalhadores. Assim, durante o inquérito realizado entre os jovens operários das empresas de Leninegrado, à pergunta «De que precisa, antes de mais nada, para ser feliz?» — 76,6% dos operários responderam: «Ter um trabalho interessante, do qual se goste».

Tudo isto gerou uma série de problemas para os administradores das empresas. No fundamental, a questão é esta — como criar condições de trabalho tais, de modo a que os trabalhadores não tenham vontade de mudar para outros lugares. São diversas as vias de solução destes problemas. Mas a orientação principal está claramente definida na nova Constituição Soviética, no artigo referente ao melhoramento das condições de trabalho, redução, e, no futuro, total eliminação do pesado trabalho manual, na base da mecanização e automatização complexa da produção. Esta forma de solucionar o problema é o resultado natural das grandes transformações sócio-económicas realizadas, da elevação do nível de instrução e do nível de vida geral da população da URSS.

Deste modo, o problema da melhoria das condições de trabalho, estreitamente ligado à distribuição por todo o País dos recursos de mão-de-obra, é resolvido na URSS à escala estatal.

Naturalmente que a noção de condições de trabalho tem um sentido variável. O progresso técnico-científico, sem ter eliminado completamente os tradicionais inimigos da produção como a concentração de substâncias nocivas na água e no ar, a poeira, o ruído e a vibração, trouxe também

novos inimigos – as radiações, os campos magnéticos e eléctricos, a electricidade estática, e, além disso, a monotonia das cadeias de produção e das operações com máquinas-ferramentas semiautomáticas.

Porém, tudo isto são problemas de humanização do trabalho. Os ritmos das cadeias de produção soviéticas, diferentemente das ocidentais, não provocam doenças profissionais; mas a sua monotonia, apesar de tudo, faz com que o trabalho seja aborrecido. É justamente nas cadeias de produção que se regista maior mutação de pessoal. Surge igualmente um «desajustamento» entre a elevada instrução dos operários, a sua inclinação para o trabalho criador, e as actuais possibilidades da indústria de conceder semelhante trabalho a todos.

Não é por acaso que, na URSS, o maior «défice» de mão-de-obra é sentido nas empresas em que as condições de trabalho são mais pesadas, isto é, nas fábricas de maquinaria pesada, nas minas, oficinas de fundição, etc., apesar dos operários gozarem aí de diversas regalias – salários mais elevados, férias prolongadas, reforma antecipada de vários anos, etc. . .

Não foi por acaso, portanto, que foi determinado que, nas actuais condições, a melhoria das condições de trabalho é a via mais eficaz para a solução do problema. Já no actual quinquénio (o décimo), foi iniciada a produção em ampla escala de aparelhos e dispositivos com direcção programada, a fim de substituir completamente o homem nos trabalhos pesados e nocivos à saúde. Reduz-se notavelmente o trabalho manual. Utilizam-se cada vez mais meios automáticos nas operações de carga e descarga. No décimo quinquénio, a produção de meios de

produção deverá aumentar, em geral, cerca de 1,6 vezes, mas a produção de equipamentos destinados à redução do trabalho manual tem ritmos mais elevados, devendo, pelo menos, duplicar.

Agora, praticamente todas as empresas se dedicam à melhoria das condições de trabalho. Os seus dirigentes sabem que o homem tem possibilidades de escolher o lugar de trabalho. Portanto, não há motivos para esperar que ele escolha a pior das variantes. Por isso, para o atrair à sua empresa, é preciso empreender o maior número de iniciativas possíveis.

Mais de 500 organizações e instituições do País realizam investigações na esfera da melhoria das condições de trabalho e da sua protecção. Entre elas encontram-se: 16 importantes institutos de investigação científica de higiene no trabalho, 9 institutos de técnica de segurança de diferentes ramos, 6 institutos de protecção do trabalho adjuntos ao Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, mais de 250 cátedras de protecção do trabalho, higiene e psicologia do trabalho.

Os 42 milhões de rublos investidos para a concretização do programa científico de protecção do trabalho, transformar-se-ão num lucro que não poderá ser avaliado em dinheiro – a diminuição dos traumatismos e das doenças, a boa disposição dos operários.

* * *

É assim que o Estado Soviético orienta o processo de formação dos recursos de mão-de-obra. Ao assegurar o pleno emprego da população, o Estado Soviético manifesta permanente desvelo pela eficaz utilização do potencial humano – os conhecimentos, capacidades e energia criadora de todos os membros da sociedade.

Os homens são a principal força produtiva de qualquer sociedade. Do modo como forem plena e eficazmente aproveitados os recursos de mão-de-obra, do nível da produtividade e da qualidade do trabalho de cada pessoa e de cada colectivo de trabalho, dependem, no fim de contas, os êxitos do desenvolvimento económico e social.

INDICE

Direito ao trabalho — possibilidade ou realidade?	3
O desemprego — herança do czarismo, da guerra e da ruína económica	6
A industrialização socialista e o pleno emprego	13
A colectivização da agricultura — importante factor de liquidação do desemprego	22
A revolução cultural e o pleno emprego	24
As mulheres no espelho da igualdade de direitos	31
Um crescimento económico constante	34
A planificação e os recursos de mão-de-obra	40
Onde ir buscar reservas?	46
Quando se extingue uma profissão operária	52
Como se adquire uma profissão	55
Como se formou o sistema das PTU	57
Na URSS, o trabalho procura o homem	62

AMIGO LEITOR!

A Editorial da Agência de Imprensa Nóvosti ficar-lhe-ia imensamente grata se tivesse a bondade de preencher o presente questionário e enviá-lo, indicando sempre o título da obra, para: Editorial APN, Podkolokolny per. 13/5, Moscovo, URSS

1. Qual a sua opinião geral sobre o livro?
2. Qual a sua opinião sobre a qualidade da obra e da tradução?
3. Que lhe parecem a impressão e a apresentação gráfica deste livro?
4. Desde quando lê as publicações da APN?
5. Em que local adquiriu este livro?

6. Quais os aspectos da vida da URSS que gostaria de ver nas publicações da APN?

Profissão

Sexo

Idade

Se o desejar, indique também o seu nome e morada.

Gratos pela atenção

Виктор Михайлович Дюнин

КАК БЫЛА РЕШЕНА В СССР
ПРОБЛЕМА ЗАНЯТОСТИ НАСЕЛЕНИЯ

на португальском языке

URSS: Como se P
RS 8

124056
URSS: Como se P
Viktor Diúnin





Viktor DIUNIN, jornalista soviético com 25 anos de trabalho na imprensa, tem diversos trabalhos publicados, nomeadamente sobre problemas sócio-económicos do socialismo.

A experiência soviética

A União Soviética é o primeiro país do mundo a empreender a construção do socialismo. Em mais de 60 anos que decorreram desde a vitória da Revolução de Outubro, o Estado Soviético criou uma economia altamente desenvolvida, independente da economia capitalista mundial e livre das crises e do desemprego. O leitor poderá saber, através da série: «A experiência soviética», como é que a URSS construiu a sua economia nacional, quais as dificuldades que enfrentou, como conseguiu os seus êxitos na via que conduz à criação de uma economia socialista planificada.

2P404 - 3